



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Proposta de reabilitação de imóvel para turismo de habitação em Melgaço

Raphael Armando de Castro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular
Co-orientador: Prof. Luís Manuel Ferreira Gomes

Covilhã, outubro de 2016

A presente dissertação encontra-se escrita em concordância com o Acordo Ortográfico Língua Portuguesa de 2015.

“...Gosto de pensar que quando um edifício é feito,
se for bem feito, há-de viver mais que o arquitecto...”

Gonçalo Byrne

Agradecimentos

Um ciclo de progresso particular a que chamo sonho, encerra-se com a conclusão da presente dissertação, na qual beneficiei do apoio de pessoas que estiveram presentes durante todo este percurso, e que, de um modo geral, expresso por escrito a minha gratidão.

Agradeço com grande satisfação ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular e ao co-orientador, Professor Luís Manuel Ferreira Gomes por todo o apoio, ajuda e conhecimento transmitido ao longo desta dissertação.

Os amigos foram fundamentais nesta etapa, quer seja pela companhia, apoio ou ajuda, e a minha gratidão para com eles é enorme.

Por último, mas com importância e sentimento reforçado, um enorme obrigado aos meus pais, pois a eles devo a possibilidade de poder atingir este patamar na minha vida, e por muitas dificuldades de ambas as partes, sempre vou recordar a frase que me faziam chegar aos ouvidos “Vamos embora, é preciso andar para a frente...”.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo apresentar a proposta de um projeto que consiste na reabilitação de um imóvel com características de solar para turismo de habitação, localizado em Melgaço (Vila mais a norte de Portugal). O imóvel a recuperar, é portador de uma história de grande interesse arquitetónico. Está inserido no centro da Vila, rodeado de inúmeros pontos de interesses turísticos, que contribuem significativamente para a sobrevivência da Vila, visto que, estamos perante um local, que vive essencialmente do turismo.

Em Melgaço, na freguesia da Vila, existem alguns imóveis com características de solar ou apenas habitações de escala mais reduzida, que estão desabitados ou devolutos, mas encerram em si muitos anos de existência. Consigo trazem uma história com interesse cultural e características arquitetónicas de grande importância. Alguns destes edifícios, foram reabilitados e contribuem nos dias de hoje para o desenvolvimento económico e social, fazendo crescer particularmente a atividade turística.

A intenção desta dissertação é dar vida a um desses edifícios, que se encontra desabitado, mas com grande potencial para alojamento. Serão cuidadosamente preservados e tratados alguns aspetos (fachadas, materiais,...) e pormenores arquitetónicos fundamentais do edifício, para que, não se perca a essência do mesmo. Assim, poderá ser visível e sentida uma relevante fração histórica da vila.

Casar alojamento turístico com preocupação de preservação histórica e arquitetónica é arriscado pois estas vertentes não surgem implícitas na génese da construção do edifício, mas sim da correlação entre o passado e o presente e exigem esforço e visão.

Palavras-chave

Património, Reabilitação, Turismo, Hotelaria, Melgaço.

Abstract

This thesis aims to present a refurbishment proposal in a noble house to add it tourism features, located in Melgaço (village in northern Portugal). The property, that carry's a history of great architectural interest, is placed in the town center, surrounded by numerous tourist sights, which contribute significantly to the survival of the village that lives mainly from this activity.

In Melgaço, in the village parish, there are some noble houses and smaller-scale dwellings, which are uninhabited or unoccupied, but carry many years of existence, and can bring a story with cultural interest or even architectural features with great importance. Some of these buildings have been refurbished and contribute today to the economic and social development, growing particularly the activity of tourism.

The main goal of this thesis is to give life to a building with noble characteristics which is uninhabited and it has a great potential to receive people who visit Melgaço. Some aspects will be preserved, such as elevations, materials and architectural details, maintaining its essence and showing a historic portion of the town.

Think of historical and architectural preservation aspects and unite it with the tourist accommodation, it is something you cannot do at all places, because they cannot be born as new, but only with the correlation between the past and the present.

Keywords

Heritage, Rehabilitation, Tourism, Hotel, Melgaço.

Índice

CAPITULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO DA TEMÁTICA	1
1. Introdução	2
1.1. Justificação da Proposta	2
1.2. Objetivos	3
1.3. Metodologia	4
1.4. Estrutura	4
CAPITULO 2 - DO CONCEITO AO LUGAR	7
2.1. Definições: turista, turismo e oferta turística	8
2.2. Tipos de alojamentos turísticos em Portugal	10
2.2.1. Empreendimentos de Turismo de Habitação	10
2.2.2. Empreendimentos de Turismo no espaço Rural	11
2.3. O lugar - Melgaço	12
2.3.1. Localização Geográfica	12
2.3.2. Contexto Histórico	12
2.4. Turismo em Melgaço	16
2.4.1. Turismo de Repouso: Termas de Melgaço	16
2.4.2. Turismo Cultural: Solar do Alvarinho - Museu do Cinema - Espaço Memória e Fronteira	18
2.4.3. Turismo Étnico	22
2.4.4. Turismo de Natureza: Percursos Marginais do Rio Minho	22
2.4.5. Turismo Desportivo: Centro de estágios - Centro Hípico	24
2.4.6. Inter-relações dos Tipos de Turismo	27
CAPITULO 3 - CASOS DE ESTUDO	31
3. Contextualização da temática	32
3.1. Hotel e Spa Vidago Palace	32
3.2. Turismo de Habitação - Solar do Castelo	34
3.3. Agroturismo - Melgaço Alvarinho Houses	37
CAPITULO 4 - HABITAÇÃO I CASA DO RIO DO PORTO	41
4.1. Os habitantes	42
4.2. O Lugar	44
4.3. Casa do Rio do Porto	46
4.4. O Brasão	48

CAPITULO 5 - LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO	49
5.1. Síntese de um levantamento Arquitetónico	50
5.2. Programa atual da habitação	56
5.3. Reflexões finais	58
CAPITULO 6 - A PROPOSTA	59
6. Aspetos gerais	60
6.1. A Habitação	62
6.1.1. Programa e Funcionalidade	64
6.1.2. Aspetos gerais de construção	69
6.1.3. Aspetos gerais de acabamentos	69
6.2. Nova Construção	72
6.2.1. Programa e Funcionalidade	74
6.2.2. Aspetos gerais de construção	76
6.2.3. Aspetos gerais de acabamentos	76
6.3. Área exterior	77
CAPITULO 7 - CONCLUSÃO	79
PROJETO	

Lista de Figuras

1. Enquadramento do local de estudo: Melgaço, distrito de Viana do Castelo;
[Fonte: [http://viverviana.pt/melgaco/.](http://viverviana.pt/melgaco/)]
[Edição elaborada pelo autor.]
2. Casa do Barreiro em Ponte de Lima.
[Fonte: [https://goo.gl/B0cgGt.](https://goo.gl/B0cgGt)]
3. Exemplo de Agroturismo em Amares - Braga I Casa Lata
[Fonte: http://www.casalata.com/_empresa.]
4. Panorâmica do concelho de Melgaço, vista das muralhas do Castelo;
[Fonte: Fotos do autor.]
5. Planta das muralhas defensivas do Castelo de Melgaço;
[Fonte: [http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-melgaco/.](http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-melgaco/)]
6. Áreas do espaço termal de Melgaço;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
7. Solar do Alvarinho de Melgaço;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
8. Museu do Cinema;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]
9. Museu Espaço Memória e Fronteira;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]
10. Miradouro sobre o Rio Minho, pertencente ao percurso pedonal;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]
11. Vista geral sobre o centro de estágios de Melgaço;
[Fonte: http://www.minhodigital.com/sites/default/files/styles/panopoly_image_half/public/news_articles/centro_de_estagios_mlg.jpg?itok=fbUkPnb2. Consultado em Julho de 2015]
[edição elaborada pelo autor.]
12. Centro Hípico;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]
13. Esquema das inter-relações dos vários tipos de Turismo I Melgaço;
[Fonte: Fotos, esquema e edição elaborada pelo autor.]

14. Localização do imóvel a reabilitar e pontuais lugares de interesse em Melgaço;
[Fonte: <https://goo.gl/gNjfp7>]
[edição elaborada pelo autor.]
15. Hotel e Spa Vidago Palace.
[Fonte: <http://www.ngphoto.com.pt/architecture/alvaro-siza-vidago-palace-hotel-spa/>.]
16. Esquisso de análise;
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
17. Processo de reabilitação do Solar do Castelo;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
18. Distribuição do Programa I Dimensões dos quartos;
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
19. Esquisso de análise I Implantação;
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
20. Processo de reabilitação e ampliação I Melgaço Alvarinho Houses;
[Fonte1: <http://www.correiaragazzi.com/agroturismo-em-melgao/>]
[Fonte2: http://www.baltor.pt/uploads/projects/0002/baltor_005.jpg.]
[Fonte3: Foto e edição do autor.]
[Fonte4: Foto e edição do autor.]
21. Rua Rio do Porto I Anos 50 do séc XX;
[Fonte: https://scontent.flis2-1.fna.fbcdn.net/t31.0-8/10293735_520861288018507_459527656053072782_o.jpg.]
[edição elaborada pelo autor.]
22. Esquizzo de análise do Agregado familiar dos Cunha Araújo;
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
23. Localização do objeto de estudo (solar) I Parque Urbano do Rio do Porto;
[Fonte: <http://www.360fototour.com>.]
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
24. Objeto de estudo I Casa do Rio do Porto;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
25. Brasão da Casa do Rio do Porto;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]
26. Vista do quarto central para o exterior;
[Fonte: Foto e edição elaborada pelo autor.]

27. Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico exterior;
[Fonte: Esboços e edição elaborada pelo autor.]
28. Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da habitação;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
29. Seleção de esboços referentes as diagonais do exterior;
[Fonte: Esboços e edição elaborada pelo autor.]
30. Correção da implantação;
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
31. Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico exterior;
[Fonte: Esboços e edição elaborada pelo autor.]
32. Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico interior;
[Fonte: Esboços e edição elaborada pelo autor.]
33. Primeiras ideias em forma de esboço;
[Fonte: Esboços e edição elaborada pelo autor.]
34. Seleção de fotografias pertencentes ao interior da habitação;
[Fonte: Fotos e edição elaborada pelo autor.]
35. Peças desenhadas do atual programa habitacional;
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
36. Implantação da nova proposta;
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
37. Esboço geral da proposta;
[Fonte: Esboço e edição elaborada pelo autor.]
38. Esquema síntese da proposta I a luz vertical no espaço.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
39. Esquema geral da proposta I programa e a Luz horizontal.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
40. Planta piso térreo.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
41. Esboço da entrada principal.
[Fonte: Esboço e edição elaborada pelo autor.]

42. Esquisso da garrafeira e sala de pequenos-almoços.
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
43. Esquisso do spa.
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
44. Esquisso da sala de pequenos-almoços I pontos de luz.
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
45. Planta do primeiro piso I organização dos quartos.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
46. Esquema de distribuição dos interiores dos quartos e esquiço.
[Fonte: Esquisso, esquema e edição elaborada pelo autor.]
47. Planta sótão.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
48. Esquisso do acesso e interior de um quarto no sótão.
[Fonte: Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
49. Zona técnica I planta e corte.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
50. Distribuição interior do quarto 5.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
51. Esquema do conceito do Hotel e Spa Vidago Palace.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
52. Esquema do conceito da nova construção.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
53. Planta do café / bar.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
54. Esquisso e fotomontagem do interior e exterior do bar.
[Esquisso e edição elaborada pelo autor.]
55. Implantação da nova proposta.
[Fonte: Esquema e edição elaborada pelo autor.]
56. Esquisso e fotomontagem do espaço exterior.
[Esquisso e edição elaborada pelo autor.]

Lista de Acrónimos

CMM	Câmara Municipal de Melgaço
OMT	Organização Mundial de Turismo
PNPG	Parque Nacional da Peneda Gerês
APPACDM	Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

Capítulo 1 - FUNDAMENTAÇÃO DA TEMÁTICA

1. Introdução

Portugal, um país povoado desde tempos pré-históricos, detém locais distintos, outrora marcados pela vivência do ser humano, que consumaram distintas regiões com uma história e cultura ainda hoje lembradas, que influenciam as gerações atuais.

Em cada região, em conexão com o aspeto histórico-cultural, existem muitas vezes, vestígios de antepassados, atualmente ainda visíveis, e, muitos deles felizmente, conservados e protegidos. Podem encontrar-se nesses locais, múltiplos vestígios, como ruínas ou edifícios com valor arquitetónico, histórico ou artístico, podendo mesmo, em alguns casos, estarem classificados como património edificado.

Alguns conceitos como *restaurar*, *recuperar* e *reabilitar*, são aplicados a este tipo de imóveis, com o intuito de os retirar do esquecimento para que voltem de novo ao ativo. Em alguns casos, destinam-se ao mesmo propósito para que foram concebidos, noutros, para objetivos completamente diferentes. O caso de estudo desta dissertação, enquadra-se precisamente neste último propósito, pois visa a reabilitação para turismo de habitação de um imóvel concebido integralmente para habitação pessoal. O edifício está localizado na região norte (Minho), concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo. (Fig.1)

Trata-se de um habitação, atualmente denominada por “Casa do Rio do Porto¹”, que apresenta características de solar, com substancial valor arquitetónico, representativo do século XVIII, donde nasceu uma linhagem nobre.

Além de ser um tema de interesse na disciplina arquitetónica, existem inúmeras razões a favor da reabilitação de edifícios situados em zonas antigas de vilas e cidades. Este, é um dos casos, em que existe evidente interesse por parte dos atuais proprietários, em ver propostas para a recuperação daquele espaço. Tendo em conta a localização do fogo, constatamos estar perante uma província em que o turismo é o principal fator de subsistência económica da comunidade.

1.1. Justificação da Proposta

Existem no nosso país, inúmeras regiões rurais com grande potencial turístico, que outrora vivenciaram uma época repleta de história, marcada por diferentes culturas, que se manifestam nos dias de hoje através de simples recordações, documentos escritos e, principalmente, através de ruínas ou edifícios antigos, que são cada vez mais procurados para adquirirem uma nova história, uma nova identidade, mas, preservando sempre o seu passado.

¹ “Casa do Rio do Porto”, denominação utilizada em pleno século XXI, referente à localização da habitação na freguesia da Vila, em Melgaço. Também conhecida pelo povo, por “Casa do Ferreira da Silva”, nome pertencente ao último residente.

Dando maior importância aos edifícios que conseguiram sobreviver até aos dias de hoje, nomeadamente, àqueles que são entendidos como património edificado, e caso estarem abertos ao público, para possíveis visitas (museus). Podemos afirmar que estamos perante uma zona de turismo, e por isso surge um grande interesse na disponibilidade de alojamentos locais.

A dissertação tem como objetivo a reabilitação de um imóvel (solar) para turismo de habitação. Trata-se de uma modalidade de alojamento turístico em casas com importância histórica e arquitetónica, onde os hóspedes possam pernoitar e sentir a grandeza e imponência de um solar, que outrora pertenceu a uma família nobre.

O imóvel que se pretende requalificar, está inserido num meio rural por entre montanhas, vales e planaltos, sustentado essencialmente pelo turismo local. Melgaço, possui recantos de rara beleza e de elevado interesse ecológico, pelo que, o turismo de natureza é uma proposta sempre muito aliciante. Atividades organizadas e direcionadas para o ecoturismo não faltam: passeios relaxantes a pé, a cavalo ou de bicicleta, pelas frescas matas florestais ou pelos tranquilizantes cursos de água. Assim, entre muitos outros fatores de que esta vila é portadora, o turismo de habitação é uma grande aposta, com perspectivas futuras asseguradas, tal como já foi comprovado em reabilitações do género.

O interesse e a curiosidade por uma proposta findada, é aguardada pelos proprietários, existindo assim, a possibilidade de esta ser concebível, daí o entusiasmo ser gradual de dia para dia.

1.2. Objetivos

Objetiva-se com a elaboração desta dissertação, um documento portador de informação teórica, a vários níveis, que acompanhará e complementarará a componente projetual.

Face ao tema referente ao turismo, pretende-se expor realmente a noção do mesmo e das várias vertentes que o interligam, abrangendo similarmente a área direcionada para o alojamento turístico.

Encara-se o tópico referente à localidade em que está introduzido o objeto de estudo/intervenção, como um ponto capaz de justificar o tema escolhido para esta dissertação, dando a conhecer, alguns sítios de atração turística e a forte necessidade da conceção de espaços de alojamento.

Com um estudo, e análise de obras do mesmo ramo, que esta dissertação trata, espera-se ter uma noção de como reabilitar, sem por de parte a identidade deste tipo de imóveis e todos os fatores adjacentes.

Pretende-se essencialmente terminar com um projeto de execução pormenorizado, a fim de mostrar à comunidade Melgacense e a possíveis investidores, que é possível pegar no solar localizado no centro da vila e um pouco esquecido pela comunidade, e levá-lo novamente ao ativo, apenas com uma funcionalidade diferente, mas que trará inegáveis benefícios económicos e culturais ao concelho.

1.3. Metodologia

O processo de execução, passa por várias fases de recolha, pesquisa e análise do material necessário, para a execução desta comunicação pública, e como método organizador, divide-se a produção em três fases:

1. Recolha de conhecimento in loco:

- Recolha de material alusivo a historicidade do edifício como todo o seu território circundante;
- Consulta de livros e registos da autarquia local (CMM);
- Levantamento do existente;
- Pesquisa bibliográfica em bibliotecas locais e em páginas web manifestadores do concelho.

2. Desenvolvimento teórico documentado:

- Analisar, tratar e redigir assumindo uma autoria própria;
- Apresentar Melgaço, desde o posicionamento geográfico até ao conteúdo turístico;
- Análise de edifícios reabilitados;
- Descrição precisa, da zona envolvente à intervenção;
- Identificação e breve análise do objeto de estudo;

3. Exposição da reabilitação:

- Memória descritiva e Justificativa da proposta, intercalada com texto e representações explicativas;
- Descrição construtiva e programática;
- Desenho técnico detalhado com alusão ao detalhe legendado;

1.3. Estrutura

A presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, principiando-se com uma fundamentação teórica que suporta uma fase prática (projeto). Estas duas vertentes têm sido trabalhadas em paralelo, por forma a complementar a parte projetual com a investigação teórica, com o objetivo claro de as fazer coexistir no presente.

Após a introdução, a temática do segundo capítulo, começa por apresentar definições referentes ao turismo, para tornar mais lúcido e coerente, o conteúdo referente ao local, e os vários pontos de interesse que este contém. É também mencionado, o significado referente a dois tipos de alojamento turístico em Portugal.

O terceiro capítulo, divulga os três casos de estudo, que de algum modo, contribuíram para a projeto proposto nesta dissertação.

O quarto capítulo, revela o agregado familiar dos primeiros proprietários da habitação, assim como uma breve descrição da mesma e do lugar onde se encontra implantada. Divulga também, o significado dos símbolos contidos no brasão.

O quinto capítulo, sintetiza o processo do levantamento arquitetónico, e o resultado do mesmo, descrevendo de uma forma breve, o programa atual da habitação. Revela também algumas reflexões finais sobre o tema em questão.

O sexto capítulo, apresenta uma memória descritiva e justificativa da proposta de reabilitação, onde a influência dos capítulos anteriores pode ser percebida.

Por fim, segue em anexo, todos os desenhos técnicos referentes à proposta final, começando no levantamento arquitetónico, passando pelas plantas de vermelhos e amarelos, e acabando no projeto de execução.



Figura 1 | Enquadramento do local de estudo: Melgaço, distrito de Viana do Castelo.
(a partir de Viver Viana, 2016)

Capítulo 2 - DO CONCEITO AO LUGAR

2.1 Definições: turista, turismo e oferta turística

O movimento do ser humano sempre existiu, embora não existisse necessidade de lhe atribuir uma denominação, visto que tal ato era sempre feito livremente. A necessidade de uma nomeação própria erguer-se quando as deslocações por origens culturais, prazer ou repouso passam a ser feitas com regularidade, gerando assim as atividades económicas.

Não se conhece precisamente a chegada do termo “turismo”, mas assume-se que teve origem nas viagens que os ingleses se habituaram a praticar no continente europeu nos finais do século XVII, como por exemplo a *Grand Tour*² a fim de complementar a sua educação, ficando assim a ser conhecidos como *turistas* aqueles que participavam nessas viagens e o termo *turismo* como termo designador dessa mesma ação. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 3)

Inicialmente, o termo *turista* era usado para representar apenas pessoas que viajassem por mero prazer ou para ampliarem os seus saberes, excluindo todas as outras pessoas que se deslocassem por um razão diferente. Com o decorrer do tempo, o número de pessoas que viajava, foi aumentando progressivamente devido à facilidade em que se tornou tal ato, alargando assim os motivos pelos quais as pessoas jornadeavam.

A definição de *turista* foi de difícil geração, visto que surge a dificuldade em enquadrar realidades verdadeiramente distintas mas com fatores comuns indissociáveis num só conceito, gerando assim fenómenos semelhantes, mas com resultados diferentes.

Sendo assim, termos como a deslocação, residência, duração da permanência e remuneração, são elementos fundamentais para atribuir o significado de *turista* a um indivíduo. Segundo que, um *turista* assume-se como uma pessoa que se desloca por vontade própria por um período de tempo igual ou superior a vinte e quatro horas, para um local com a exceção da sua localidade de trabalho ou residência sem ter o intuito de fins lucrativos, e é de referir que só assume tal papel se pernoitar no destino escolhido. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 3)

No que diz respeito ao termo *turismo*, poderia ser definido como um decorrer de deslocações e permanências de visitantes em determinado local incluindo sempre a atividade económica que estes fatores acarretam, mas seria uma definição deveras vaga com perímetros limitados. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 15)

O conceito de *turismo* foi padecendo sempre de alterações consideráveis ao longo dos tempos, e mesmo com a evolução do seu âmbito nestes últimos anos em função de várias e distintas perspetivas (civilizacionais, sociológicas, geográficas, económicas, orientais, ocidentais),

² “Grand Tour”, consistia nas visitas realizadas às grandes capitais do velho continente, realizadas pela nobreza europeia, com fins educacionais constituindo uma componente essencial da educação da aristocracia.

continua a ser difícil alcançar um consenso no que diz respeito ao conceito de *turismo* e a sua aceitação a nível universal.

Neste seguimento, tendo em conta os elementos definidores aceites pelas organizações internacionais (deslocação para fora do ambiente habitual, ausência de remuneração e permanência no local visitado inferior a 12 meses), existem outros fundamentais e imprescindíveis para delimitar as suas periferias, tais como (CUNHA; ABRANTES, 2013, 17):

- Ausências de afinidades duráveis com os lugares visitados, impedindo a recomposição de um novo modo de vida;
- Efeitos económicos, psicológicos, culturais e novos ambientes;
- Lugares atrativos assinalados pela existência de componentes tangíveis e intangíveis;
- Atividades e equipamentos díspares dos que são exigidos pelos residentes;

Com estes elementos é possível originar uma definição do que é o *turismo*. Contudo poderiam surgir lacunas, por isso, e de um ponto de vista técnico, emprega-se a definição originária da OMT que considera o turismo como “*o conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros*”. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 17)

Surge assim a oferta *turística*, traduzindo-se num conjunto de facilidades, bens e serviços utilizados ou adquiridos pelo *turista*, mesmo criações propositadas para satisfação dos mesmos, não esquecendo também elementos de cariz culturais ou natural. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 161)

Bens e serviços que sejam adquiridos pelos visitantes fazem parte da oferta *turística*, mesmo que tenham sido criados com o intuito de satisfazer a população local, mas caso a aquisição seja feita por parte de um residente deverá ser então excluída de tal conceito.

A oferta é então composta por bens e serviços criados exclusivamente para consumo dos visitantes, incluindo também o que é destinado aos residentes mas que também é consumido pelos visitantes. Existe uma certa dificuldade em estabelecer fronteiras nítidas entre o que pode ser classificado como *oferta turística* e o que não pode ter essa mesma classificação, ou seja, tudo depende do tipo de consumidor em questão. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 161)

Contudo existem casos que dependem do *turismo* para sobreviver e são criados exclusivamente em razão do mesmo, como por exemplo o turismo de habitação, praticado em casas antigas de grandes dimensões (solares), geralmente com história, ou alojamentos em espaços rurais, entre outros.

2.2. Tipos de alojamentos turísticos em Portugal

2.2.1. Empreendimentos de Turismo de Habitação

Espaços rurais são frequentemente identificados devido ao conteúdo arquitetónico, que estabelecido nesse tipo de ambiente e com o decorrer do tempo, continuam a carregar uma história, e com eles permanece a imponência face à restante construção vizinha. Como é de grande interesse preservar este tipo de valores, surge então a criação do primeiro tipo de alojamento turístico no espaço rural, designado pelo termo “Turismo de Habitação”, onde a Casa do Barreiro em Ponte de Lima, surge como exemplo desta tipologia. (Fig.2)

Este tipo de alojamento é montado em imóveis antigos particulares, geralmente em solares e palácios provenientes de uma família nobre. Contem valor histórico, arquitetónico ou artístico que outrora foram representativos de uma determinada época. Existem essencialmente dois aspetos referentes ao turismo de habitação que os diferem dos restantes estabelecimentos hoteleiros: o simples facto de não poderem ultrapassar quinze unidades de alojamento e, no que diz respeito ao proprietário ou entidade exploradora, têm por norma, de residir no respetivo estabelecimento durante o seu período de funcionamento. É de salientar, que estes tipos de empreendimentos turísticos, dispendo das mesmas condições entre eles, podem ser classificados em categorias diferentes, isto é, pode haver uma auditoria feita pelo presidente da Câmara Municipal e segundo critérios discricionários e discriminatórios, surge uma classificação para tal imóvel. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 197)



Figura 2 | Casa do Barreiro em Ponte de Lima. (Booking, 2016)

2.2.2. Empreendimentos de Turismo no espaço Rural

Trata-se do reaproveitamento de residências particulares com características próprias para fins de alojamento turístico, oferecendo assim um contacto mais direto com o espaço rural e todas as suas vivências, como é o caso da Casa Lata agroturismo, em Amares. (Fig.3)

A arquitetura regional e a preocupação de estimar e proteger o património cultural esteve na origem da criação deste tipo de alojamentos, por sua vez a qualidade de vida das populações rurais aumenta no que diz respeito ao fator económico.

Este conceito abrange presentemente três modalidades de alojamento, designadas como casas de campo³, agroturismo⁴ e hotéis rurais⁵. É definição de empreendimentos de turismo no espaço rural, todo o estabelecimento que tenha por fim prestar serviços de alojamento a turistas, reunindo um adequado conjunto de instalações, estruturas, equipamentos e serviços complementares, ou seja, tudo aquilo que não é exigido, nem se pode exigir para os restantes serviços de alojamento. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 198)



Figura 3 | Exemplo de Agroturismo em Amares - Braga | Casa Lata. (Casa Lata, 2016)

³ “Casas de campo”, Casas situadas em espaços rurais que incorporem materiais de construção e mais características da arquitetura típica local.

⁴ “Agroturismo”, imóveis localizados em explorações agrícolas, onde é dado a conhecer aos hóspedes a atividade agrícola, podendo mesmo participar nos trabalhos desenvolvidos.

⁵ “Hotéis rurais”, hotéis situados em espaços rurais, que pela traça arquitetónica e, materiais de construção, respeitam as características dominantes da região onde estão inseridos.

2.3. O lugar - Melgaço

2.3.1. Localização Geográfica

É em Melgaço (Fig.4), no centro da vila mais a norte de Portugal, rodeado e marcado de cultura e história minhota, que está implantado o objeto de estudo desta dissertação.

Concelho localizado no extremo noroeste do país, pertencente ao distrito de Viana do Castelo, esta inserido numa região montanhosa e é banhado pelo rio Minho a norte e a leste, o qual traça a separação do país vizinho e origina um banda fronteira com Espanha, que outrora demarcou significativamente a população Melgacense. O concelho de Monção e Arcos de Valdevez também têm um papel delimitador a oeste e a sudoeste, respetivamente.

A zona ribeirinha junta a uma extensão de relevo pouco acentuado onde a paisagem é assinalada pelo cultivo, e a zona montanhosa marcada pela pastagem de gado, dividem geograficamente este território em duas zonas com atributos distintos.

Assinalado como o município mais setentrional do país, pertence a este uma área de 239 km² na qual se fragmentam 13 freguesias, onde de acordo com os censos de 2011, e se acomodam um total de 9 213 residentes. (Melgaço município, 2016)



Figura 4 | Panorâmica do Concelho de Melgaço | vista das muralhas do Castelo.

A Freguesia de Castro Laboreiro, região serrana, parcialmente inserida no PNPG⁶ contém o ponto mais alto do concelho que chega aos 1 340m de altitude, sendo assim um ponto de grande interesse turístico em meses de inverno em que as temperaturas baixas se fazem sentir e a queda de neve deslumbra qualquer visitante. Destaca-se ainda uma cultura de transumância única no país e um palavrear e trajar típico. (SILVA, 1996, 423)

Na vertente económica, Melgaço assume-se como dependente de movimentos e de rendimentos vindos do exterior, tais como a afluência de turistas, as férias e até mesmo as remessas dos emigrantes ou as pensões dos que outrora praticaram esse ato migratório.

Com a evolução do tempo, alguns vetores parecem estar a sobressair-se significativamente no sentido da modernização e da abertura, pois as atividades vitivinícolas⁷ direcionadas para a casta do alvarinho, o turismo e o lazer, são cada vez mais fatores alvo de investimento continuado e consistente. Em forte desenvolvimento, o turismo e o lazer são apoiados por recursos e equipamentos excelentes, no âmbito cultural, desportivo e do lazer, que apoiam e fortalecem as potencialidades para a criação de turismo de habitação, rural, natureza, cultural e gastronómico.

Destaca-se a produção do vinho alvarinho pela grande importância que teve no avanço socioeconómico e que ainda é visível no atual quotidiano. Terras que antigamente produziram a subsistência de um povo, dão atualmente lugar a plantações de vinhas, que cada vez mais cobrem a paisagem melgacense.



⁶ “PNPG”, Parque Nacional da Peneda - Gerês considerado pela UNESCO como Reserva Mundial da Biosfera

⁷ “Atividades vitivinícolas”, é a arte e ciência do cultivo de videiras, para usar as uvas na produção do vinho.

2.3.2. Contexto Histórico

Melgaço detém um castelo que se ergueu por volta do ano de 1170, construído no reinado de D. Afonso Henriques. Foi ainda este monarca que entre 1183 e 1185 atribuiu a Melgaço a sua primeira carta de foro, sendo esta confirmada por D. Afonso II em 1219, acabando por ser substituída em 1258 no reinado de D. Afonso III por uma nova carta de Foral. (História de Portugal, 2016)

Desenvolveu-se um centro de trocas comerciais, onde se acomodaram colonos junto ao Rio Minho, estrategicamente colocado à passagem para o país vizinho (Espanha). O burgo existente, ainda muito à mercê de potenciar segurança, mostrou-se insuficiente frente às tropas leoninas, levando a que no século XIII, fosse construído um novo cerco.

Transitando para o século XVII, onde teve presença a Guerra da Restauração, e em consequência da mesma, levou a que fossem feitas mais alterações no cerco, passando pela criação de uma nova linha de defesa acompanhada por baluartes.

O conjunto de muralhas defensivas (Fig.5) que envolvem a pequena vila e respetiva torre de menagem, arquetam desde o início do século XX um conjunto classificado como Monumentos Nacionais, sendo recentemente atribuído à torre o papel de núcleo museológico.

Referente à zona montanhosa, na freguesia de Castro Laboreiro, presencia-se também um altaneiro castelo, vigilante firme contra os assaltos galaico-leonesas. Freguesia, trazedora de dezenas de sepulturas megalíticas, mamoa e outros artefactos de origem celta que atestam a presença milenar do homem. Também fazem parte as pontes romanas e abrigos de montanha que serviram a cultura da transumância.

Voltando novamente à zona ribeirinha, existem na margem do rio Minho, algumas pesqueiras ainda nos dias de hoje frequentadas pelos pescadores. Ainda no percorrer do território, são visíveis exemplos de arquitetura religiosa de carácter românico, a qual estão associadas tradições e eventos festivos tradicionais.

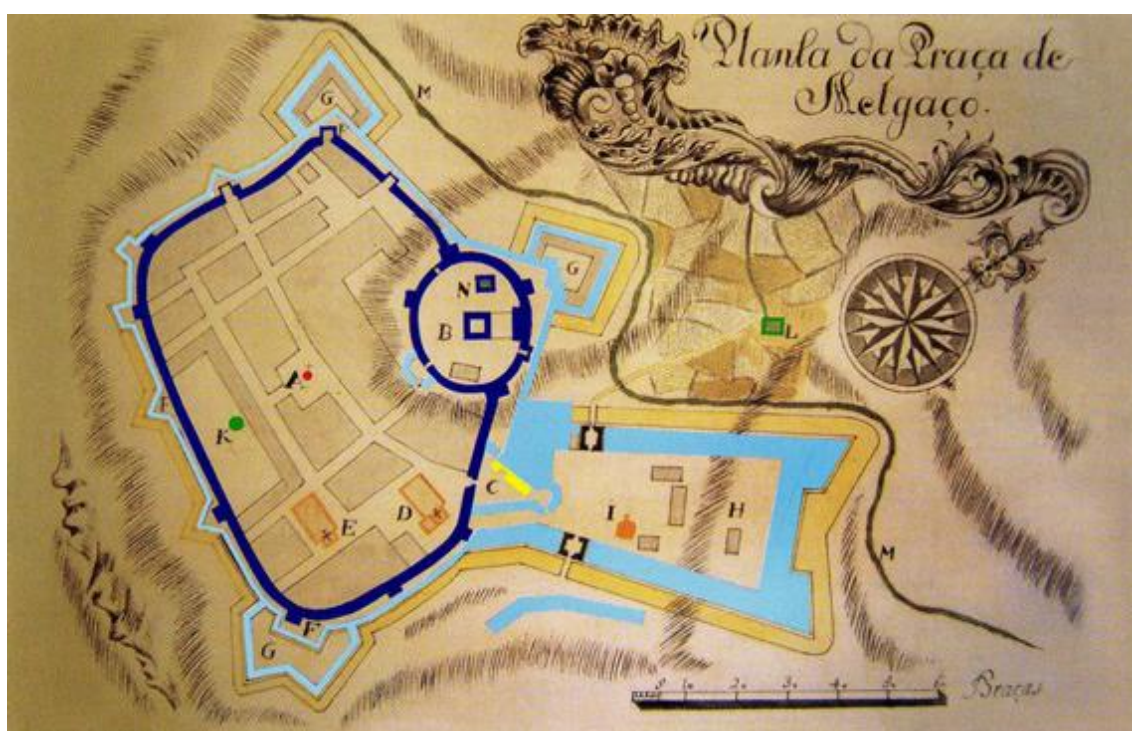


Figura 5 | Planta das Muralhas Defensivas de Melgaço. (História de Portugal, 2016)

2.4. Turismo em Melgaço

2.4.1. Turismo de Repouso: Termas de Melgaço

A recuperação física e mental é o principal fator pelo qual o turista pratica este tipo de turismo, procurando assim locais de pura tranquilidade em contacto com a natureza, onde possa recuperar de desgastes provocados pelo *stress* e intensidade de trabalho ou simplesmente por razões de lazer e distração. Motivos de saúde e tratamento de alguma doença, também são aceites neste tipo de turismo, existindo assim uma grande procura por estâncias termais. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 33)

Como exemplo, as Termas de Melgaço (Fig.6), situadas na freguesia do Peso, proporcionam ao visitante uma zona de permanência, passeio e lazer. Tem na sua envolvência um conjunto de aspetos que apoiam e intensificam este parque termal, tais como um parque infantil, um bar, duas nascentes, uma oficina de engarrafamento, um leito navegável e mais recentemente a recuperação de um parque de campismo, todo um combinado de espaços e arquitetura onde se fazem sentir a serenidade, o lazer e o bem-estar.

Neste parque, assume-se como ex-líbris a Buvete⁸ da Fonte Principal. Trata-se de um edifício de grande valor monumental da arquitetura do ferro, erguido sobre a captação e projetado pelo engenheiro Luís Couto dos Santos⁹. (Termas de Melgaço, 2016)

Na visita a este espaço é quase obrigatório provar a água proveniente da fonte termal, também usada para fins medicinais, como o tratamento da diabetes, a obesidade e o colesterol elevado.

Relativamente ao balneário, a sua construção original foi concluída em 1924 acabando mais tarde por encerrar e ficar ao abandono durante alguns anos. Recentemente, após profundas obras de reabilitação e total remodelação, encontra-se nos dias de hoje em perfeitas condições para a prática de tratamentos integrados destinados às indicações terapêuticas que a água de Melgaço proporciona. (Termas de Melgaço, 2016)

⁸ “Buvete”, em Portugal, este galicismo surge associado ao termalismo, designando o lugar onde se ministra um tratamento que consiste na ingestão de água termal.

⁹ “Luís Couto dos Santos”, Porto a 10 de agosto de 1896, engenheiro, correio-mor e professor universitário.

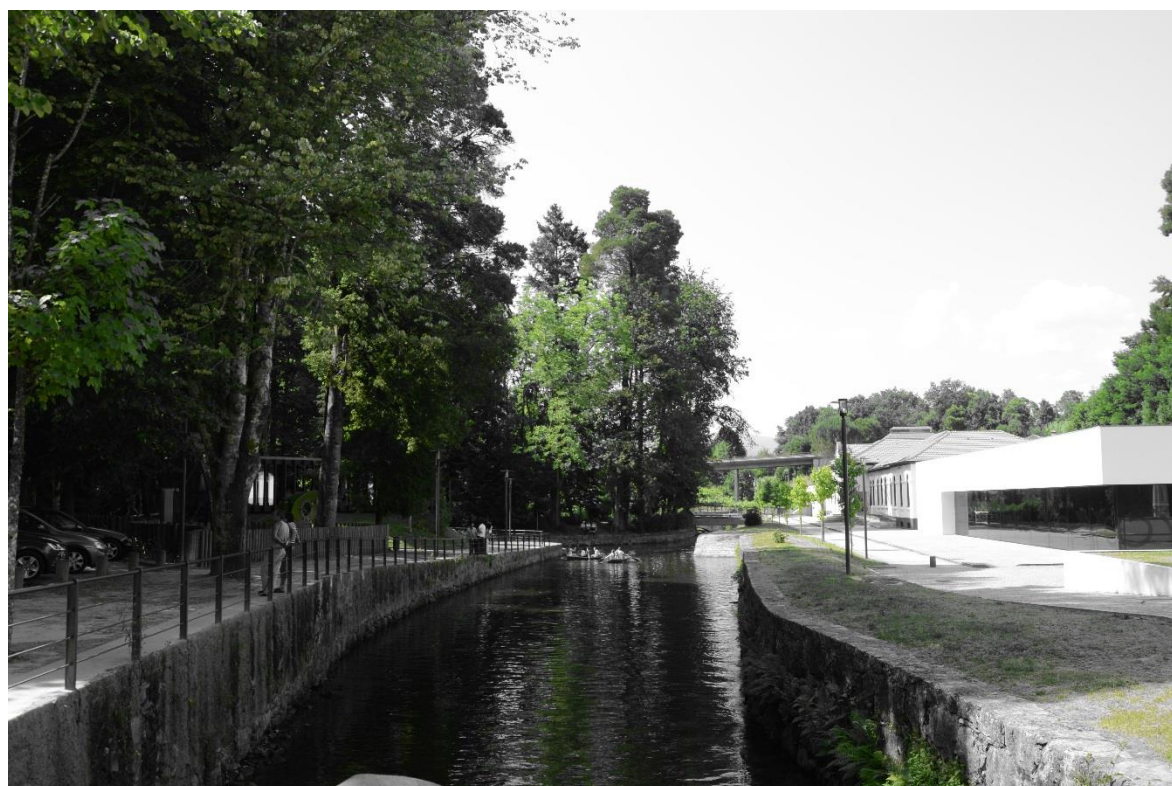
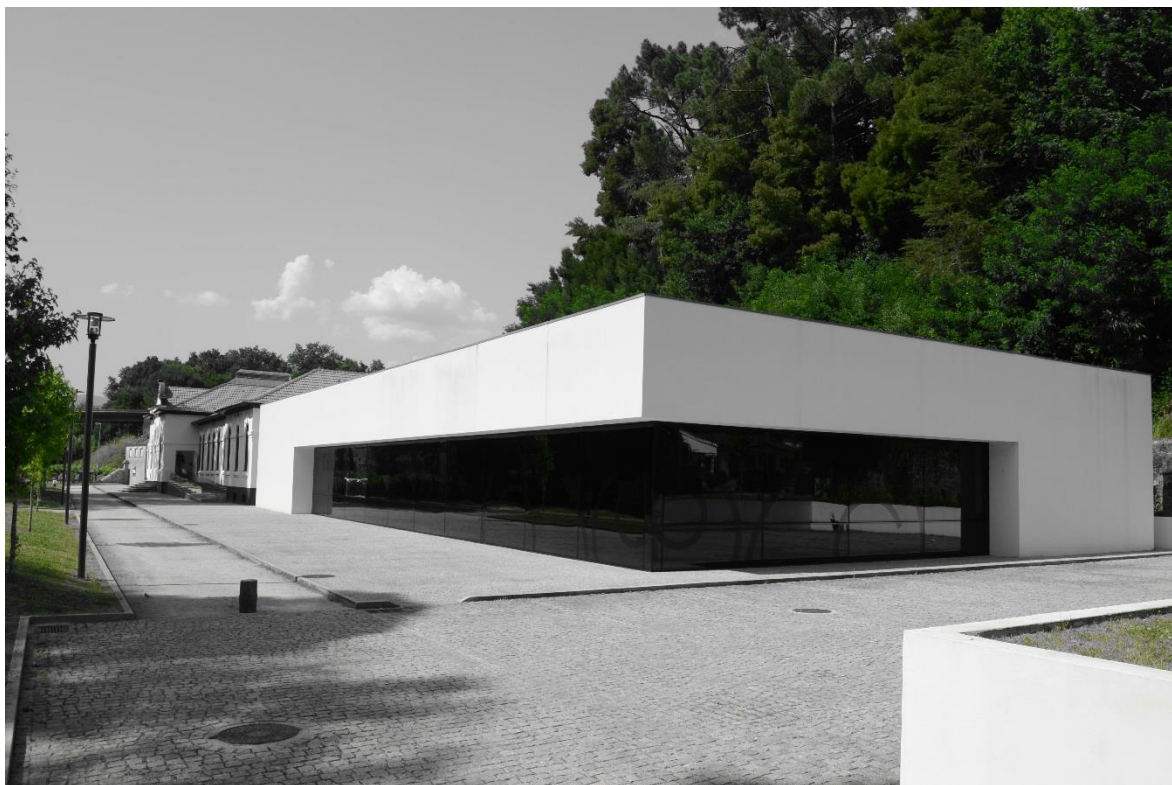


Figura 6 | Áreas do espaço termal de Melgaço.

2.4.2. Turismo Cultural: Solar do Alvarinho - Museu do Cinema - Espaço Memória e Fronteira

Conhecer novas realidades e ampliar o nível do conhecimento são características essenciais deste tipo de turismo. Nem sempre se destina ao conhecimento do passado e o que nele existiu, podendo estar relacionado também, com o presente e o que nele vive, como hábitos de outros povos com características distintas, complexos arquitetónicos, entre outros. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 34)

Locais como museus de grande vulto, núcleos culturais, monumentos de grande importância religiosa e terras com um passado participado pelas grandes civilizações do mundo, são os fatores que mais atraem os turistas.

Como exemplo, a 8 de Agosto de 1997, deu-se a inauguração do *solar do alvarinho* (Fig.7) pelo secretário de Estado do Comércio e Turismo, Dr. Jaime Fernandez, casa esta, edificada no antigo edifício dos três arcos, que outrora funcionou como prisão. (Rota do Vinho Verde Alvarinho, 2016)

Com uma estratégia bem elucidada, este espaço pretende essencialmente promover e divulgar o que existe no meio rural de tradição continuada, tais como o Fumeiro, artesanato e o vinho alvarinho. Para além de ser um grande aliado na defesa, divulgação e comercialização do vinho alvarinho, chega ao ponto de criar contacto entre o visitante e o produtor.

Sempre a favor da divulgação, o *Solar do alvarinho* tem o costume de participar periodicamente em eventos a nível nacional ou internacional.

A nível programático, este edifício contém dois pisos com funções distintas, mas sempre recheado do melhor que Melgaço produz. O piso superior, onde detém uma exposição de todas as marcas do vinho alvarinho, é reservado para a prova dos mesmos, sempre acompanhado por um atendimento personalizado capaz de transmitir ao visitante a informação adequada para uma melhor perceção do néctar testemunhado. Passando para o piso inferior, para além de ter um bar que se assinala como um ótimo local para petiscar os produtos locais, tem também uma pequena loja, onde o visitante pode adquirir produtos tradicionais. Contudo, este espaço também é alvo de exposições temporárias de quem pretenda dar a conhecer a sua arte.

Além de tudo em cima mencionado, o solar oferece também um atendimento semelhante ao do posto de turismo local embora de um modo mais geral. Informações sobre unidades de alojamento, de restauração e dos diversos pontos turísticos, muitas das vezes partem desta tão conceituada casa.



Figura 7 | Solar do Alvarinho.

Também localizado no centro histórico da vila, encontra-se um edifício anteriormente ocupado pela Guarda Fiscal, que dá hoje a conhecer a todos os visitantes uma grande parte do espólio do cinéfilo Jean Loup Passek¹⁰, entre outras exposições temporárias, doado pelo mesmo à autarquia local. Inaugurado em junho de 2005, assume-se como sendo um dos únicos do género em Portugal. (visitPortugal, 2016)

A razão pela qual este museu (Fig.8) se situa numa pequena vila no canto de Portugal e não numa cidade como Porto ou Lisboa, deve-se ao facto de o cinéfilo francês de origem russa ter conhecido em Paris dois emigrantes melgacenses, com os quais travou uma amizade inesquecível. Mais tarde, depois de umas férias em Melgaço, rendeu-se aos encantos do Minho, e ficando deslumbrado com o que presenciou, tomou tal decisão de doar a sua coleção privada à autarquia de Melgaço.

No Museu, a coleção doada por Passek é de carácter permanente, e retrata as origens do cinema e o seu percurso ao longo dos tempos, desde o pré-cinema, até ao início do cinema propriamente dito, contendo mais de meio milhão de fotografias e cartazes de grande valor artístico.



Figura 8 | Museu do cinema.

¹⁰ “Jean Loup Passek”, escritor francês, crítico de cinema, nascido 29 de julho do 1936 em Boulogne-sur-Seine

Por fim, um Museu destinado ao contrabandismo e à imigração (Fig.9), tem lugar num edifício que em tempos remotos funcionou como matadouro municipal, passando em 2007 a desempenhar um papel totalmente diferente. Após uma remodelação e ampliação, é visível um resultado deveras interessante, onde a relação do antigo e contemporâneo se mistura de uma forma harmoniosa, tornando a edificação com grande interesse arquitetónico.

Dedicado à temática da emigração e contrabando, conta a história das décadas de 60 e 70, daqueles que partiram em busca de um futuro melhor e dos que praticavam contrabandismo com o país vizinho (Espanha). (visitPortugal, 2016)

No seu interior, são retratados os diversos momentos da emigração e explicadas as causas e todos os fatores que levavam os Melgacenses a sair do país. Objetos, pertences pessoais e até mesmo um batel, entre muitos outros, estão expostos de forma a tornar mais perceptível as vivências passadas.



Figura 9 | Museu Espaço Memória e Fronteira.

2.4.3. Turismo Étnico

É conhecido como um tipo de movimento mais íntimo realizado maioritariamente pelos emigrantes. Traduz-se na realização de viagens ao país ou local de origem para visitar amigos e familiares, ou seja, trata-se de um destino ancestral que ganha uma grande dimensão principalmente em épocas balneares ou festivas. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 34)

Os lusitanos juntamente com toda a sua descendência estabelecidos no estrangeiro, formam assim um grupo bastante numeroso com uma motivação mais forte para visitar o país do que os restantes turistas, quer sejam nacionais ou internacionais.

2.4.4. Turismo de Natureza - Percursos Marginais do Rio Minho

A carência e o desejo por este género de turismo, é geralmente demonstrada quando existe a necessidade de fuga do meio citadino para o meio natural a fim de contemplar a pureza e genuinidade que nele existe.

Porém, subdivide-se em duas vertentes, o turismo ambiental, onde é possível ver os aspetos da terra e do mar e o estado de pureza dos mesmos, e o turismo ecológico mais conhecido por ecoturismo, que se resume em visitar territórios naturais tendo sempre o cuidado de manter imutável a plenitude do ecossistema. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 35)

Percorrer bosques e serras, observar toda a paisagem natural e contemplar a relação da pessoa e a terra, são fatores de grande motivação neste tipo de turismo.

Parques naturais são os típicos destinos, e no caso de ser em Portugal, o Gerês assume-se como o ex libris do país.

Exemplar deste tipo de turismo, é um percurso pedonal (Fig.10) que interliga vários pontos de interesse, embora a parte mais atraente do itinerário seja junto ao Rio Minho, com uma extensão de cerca de 1.500 metros de comprimento sobre um passadiço de madeira assente numa antiga levada de água, atualmente desativada. (Melgaço município, 2016)

Com vista direta e próxima do magnífico património natural do rio e todo o seu envolvente, o passadiço interrompe-se numa pequena área de lazer, onde de seguida poderá ser retomado e ter acesso a outros pontos de interesse, como o Centro Hípico, Termas do Peso, atravessando o Centro de Estágios e passando por zonas agrícolas.



Figura 10 | Miradouro sobre o Rio Minho, pertencente ao percurso pedonal.

2.4.5. Turismo Desportivo - Centro de estágios - Centro Hípico

Desporto é um tema cada vez mais presente na sociedade, quer seja para observar demonstrações desportivas ou até mesmo para participar nas mesmas independentemente das idades ou das camadas sociais. (CUNHA; ABRANTES, 2013, 36)

Visto que a preferência pelas férias ativas assume uma importância cada vez maior e a motivação desportiva origina correntes turísticas, obriga a que, cada vez mais, os centros turísticos estejam providos com meios adequados para a execução de desporto.

E para tal, Melgaço assume-se como detentor de um conjunto desportivo rodeado de uma paisagem verde, conhecido como um dos mais contemporâneos e melhores equipados complexos desportivos.

Trata-se de uma área planeada e edificada, com o intuito de oferecer a qualquer visitante um serviço de elevada qualidade, com inúmeros equipamentos destinados à atividade desportiva.

Inaugurado em 2001, além de receber todo o tipo de turistas, acolhe também atletas ou equipas de diversas modalidades a vários níveis de competição. Inserido na categoria de turismo desportivo, foi umas das grandes apostas do município.

Este centro de estágios (Fig.11) é composto por vários espaços e edificações com funções distintas, tendo assim um estádio de futebol com capacidades para 1.700 espectadores, uma pista de atletismo, balneários, campo de treino, clube de saúde, ginásios, salas de tratamentos e massagens, entre outros, tudo componentes de carácter desportivo e competitivo. (Melgaço complexo desportivo e de lazer centro de estágios, 2016)

Contudo, o lazer também se faz sentir neste centro, estando assim uma grande parte destinada a este fim. É possível encontrar um hotel, uma pousada da juventude, dois campos de ténis, parque de merendas, minigolfe, um parque infantil, anfiteatro natural, um percurso de manutenção, uma piscina ao ar livre acompanhada de um lago artificial e esplanada, tudo isto destinado a qualquer tipo de pessoa.

Depois de mencionada toda esta variedade no programa, é de referir a Escola Superior de Desporto e Lazer, a mais recente construção interiorizada neste complexo desportivo.

Tudo isto encontra-se implantado de uma forma bastante harmoniosa, interligados entre eles, dando aos utilizadores a segurança, tranquilidade e privacidade merecida.



Figura 11 | Vista geral sobre o centro de estágios | Melgaço. (Minho Digital, 2016)

Implantado na periferia do Centro de Estágios (Fig.12), surge com uma arquitetura contemporânea, um centro de hipismo, que se encontra em funcionamento desde 2011.

Abrange uma área significativa, cerca de dois hectares, constituída por picadeiros, cavalaria entre outros elementos de apoio. Também é possível disfrutar de um bar incorporado no centro hípico.

Centro pertencente à APPACDM¹¹ de Melgaço, onde a prática de atividades para pessoas com deficiências, é um fator com grande importância, contudo este espaço pode ser usufruído por qualquer visitante.



Figura 12 | Centro Hípico.

¹¹ “APPACDM”, Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

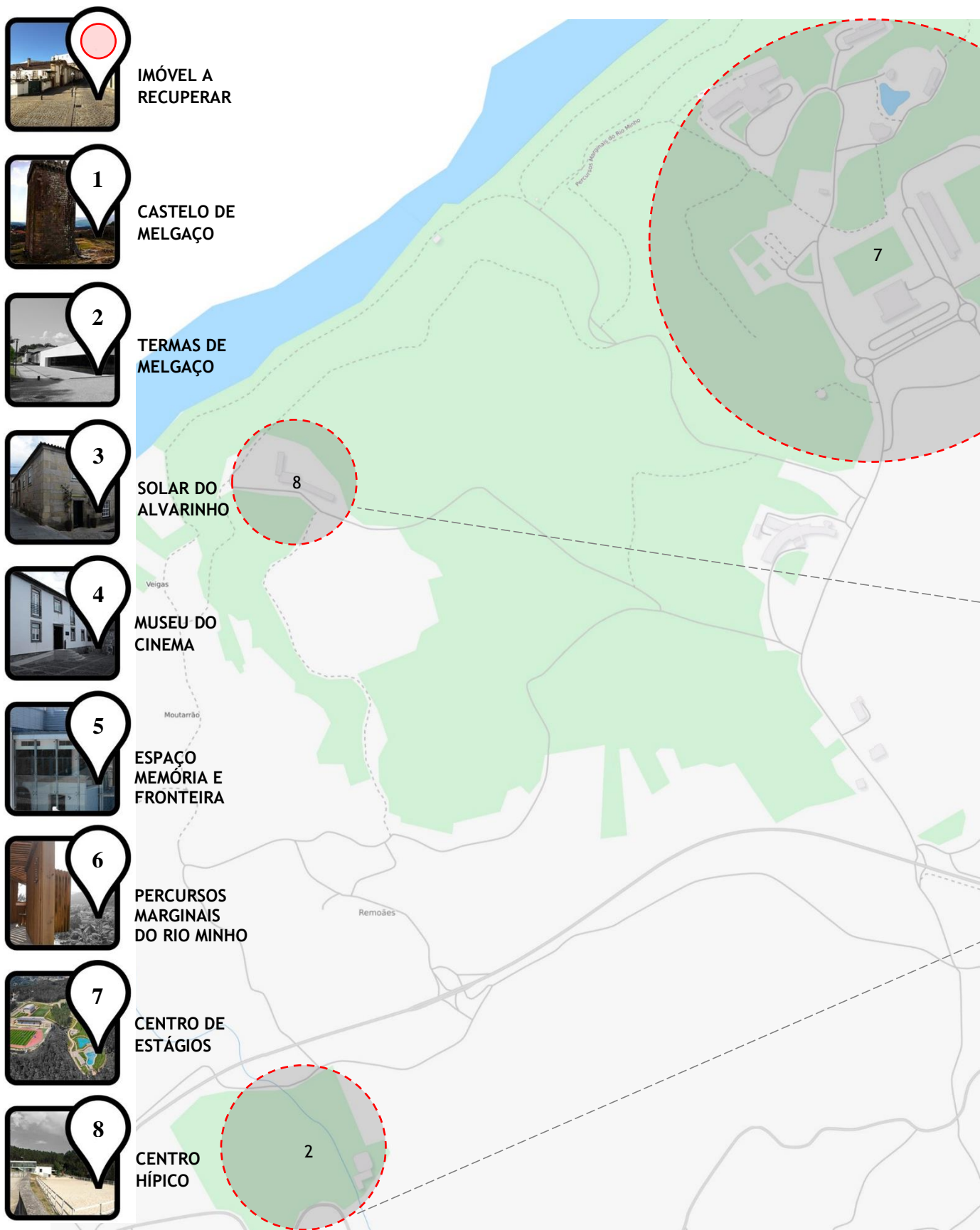
2.4.6. Inter-relações dos Tipos de Turismo

É impossível a separação entre os vários tipos de turismo (Fig.13) que foram anteriormente referidos, pois num local, pode coexistir mais que um tipo de turismo, podendo mesmo existir a participação em atividades distintas por parte do turista, uma vez que existem locais com grande variedade de atrativos.



Figura 13 | Esquema das Inter-relações dos vários tipos de Turismo | Melgaço

Por exemplo, um visitante na mesma viagem a Melgaço, pode ter como objetivo apenas o repouso, podendo ser atraído pela atividade desportiva, cultural, ou outro tipo de turismo que lá exista. Quer-se com isto dizer, que num local com forte potencial turístico, torna-se difícil, ou até mesmo impossível, a separação das inúmeras atividades que lá existem. A harmonia e a sintonia em que as mesmas se encontram interligadas fazem com que o visitante disfrute sempre de mais alguma coisa, adaptando sempre a questão da preferência e do próprio gosto, criando assim uma hierarquia nos vários pontos de interesse.



Capítulo 3 - CASOS DE ESTUDO

3. Contextualização da temática

Com foco na reabilitação de imóveis, a integração de matéria sobre esse mesmo tema, torna-se primordial para uma melhor compreensão do tema.

Foram selecionados três exemplos de habitações com funções semelhantes, salientando apenas o mais relevante de cada uma, para que, de algum modo, pudessem servir de apoio na execução do projeto proposto nesta dissertação.

Palavras como, *programa, dimensão, ampliação, materialidade e simplicidade*, são termos escolhidos para a pesquisa de cada caso de estudo, com o intuito de aprofundar e traçar um plano, capaz de ajudar na elaboração e fundamentação da proposta pretendida.

3.1. Hotel e Spa Vidago Palace - Vidago

Localizado em Vidago, a cerca de uma hora da cidade do Porto, encontra-se a reconstrução de um edifício proveniente do século XX, projetado pelo arquiteto Ventura Terra¹². Em 2010, reabre as suas portas, e volta a desempenhar um papel muito importante na hotelaria nacional. (archdaily, 2016)

Usada uma estratégia de obra muito comum, este tipo de reconstrução, passa por manter toda a fachada e paredes laterais, enquanto o interior passa por uma total remodelação.

A intervenção passou também por uma grande ampliação do programa, e como tal, surge um novo volume com a função de Spa (Fig.15), com a autoria do arquiteto Siza Vieira¹³. A presença de uma arquitetura contemporânea, entra em perfeita união com o volume original, existindo mesmo uma ligação material entre os dois edifícios.

É de referir a materialidade existente no interior da nova construção, a junção da cor branca das paredes, com o mármore de igual tonalidade, maioritariamente visível nos pavimentos, levando ao utilizador, uma simplicidade e minimalismo através de linhas simples.

Considerando este um projeto de renovação, é de perceção clara os aspetos que foram mantidos para serem recuperados e que tinham possibilidade para tal, como os pontos que foram totalmente assumidos como uma nova construção, sem haver qualquer tipo de reprodução do passado, arcando assim uma nova materialidade.

¹² “Ventura Terra”, Arquiteto nascido em Seixas do Minho, distrito de Viana do Castelo. Formado pela Escola de Belas-Artes do Porto.

¹³ “Siza Vieira”, Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira, nascido a 25 de junho de 1933, internacionalmente conhecido por Siza Vieira, é o mais premiado arquiteto contemporâneo português (Prémio Pritzker, Medalha de Ouro do RIBA, Medalha Alvar Aalto, Prémio Wolf de Artes, Medalha de Ouro UIA).

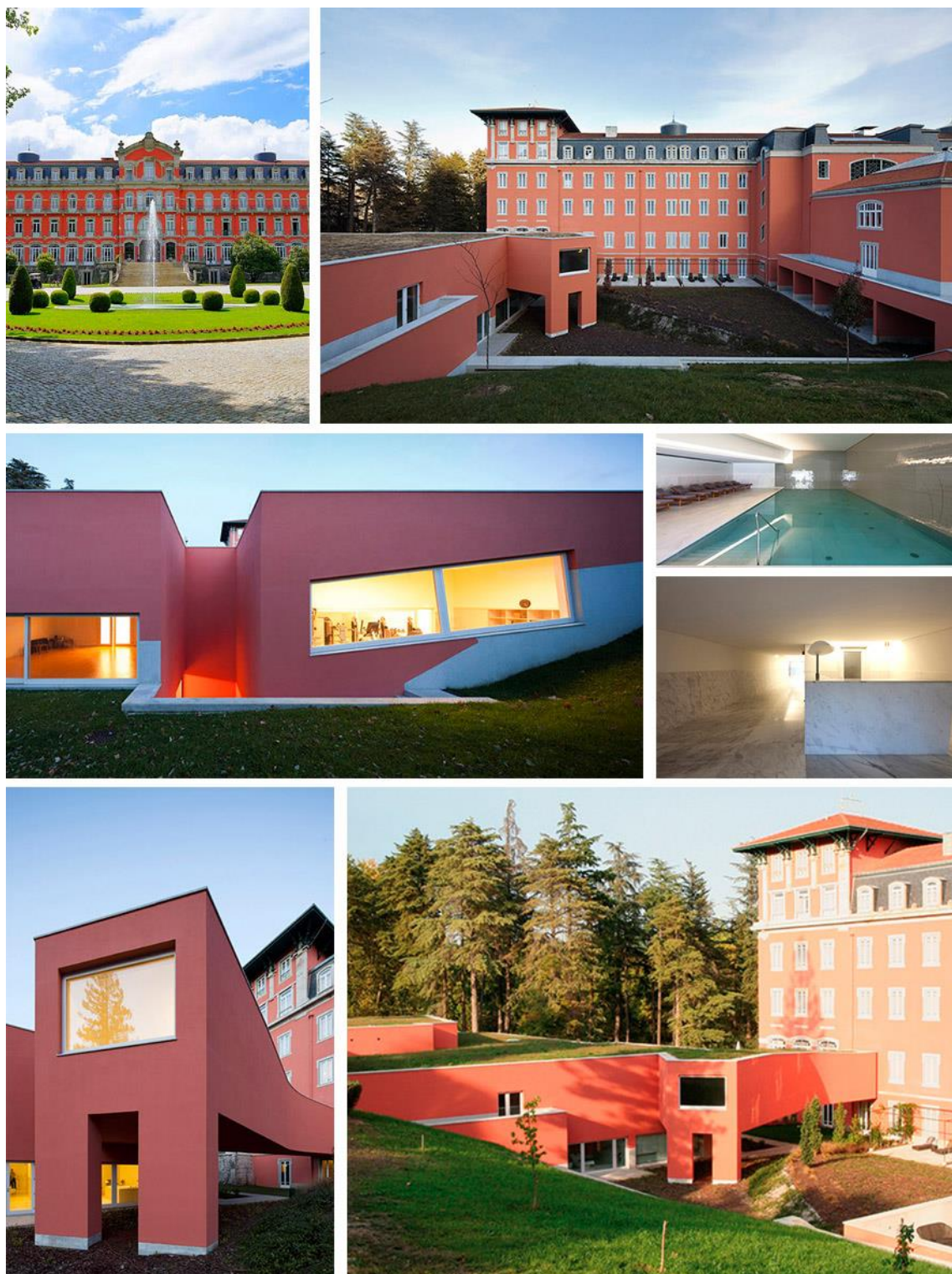


Figura 15 | Hotel e Spa Vidago Palace. (ngphoto, 2016)

3.2. Turismo de Habitação - Solar do Castelo

Situado em pleno centro histórico da Vila de Melgaço, rodeado de pontos de interesse, assume-se como um alojamento de extrema elegância e proporcionador de momentos de descanso únicos.

Casa brasonada de grande ostentação e conforto na sua época, de onde nasceu uma linhagem nobre, pertencente a Domingos Gomes de Abreu Coelho de Novaes, no século. XVIII. (ESTEVES, A. 1989)

Apesar de, naquela altura, a densidade populacional não ser elevado, a família disponibilizava parte do seu conhecimento e riqueza para o ensino, proporcionando a pequenos grupos de habitantes, aulas na sua própria habitação. Mais tarde, a família nobre mudou-se para Lisboa, acabando por deixar a habitação ao abandono.

No final do século XX, houve alguém que se apropriou/alugou parte do imóvel, nomeadamente, metade do rés-do-chão, reabilitando-o para uso de espaço comercial; um snack-bar. Contudo, teve a necessidade de fechar a porta e mudar de espaço por falta de condições e pela degradação do edifício, essencialmente na cobertura. Desta forma, o solar voltou a ficar sem vida. Uma vez que os herdeiros não são residentes de Melgaço, colocaram o edifício para venda.

Em 2014 foi adquirido por novos proprietários, com o intuito de darem uma nova vida e novo conceito ao edifício, tendo este sofrido assim, uma vigorosa intervenção, com o intuito de repor a dignidade ao edifício, promovendo o uso de turismo habitação. (Fig.17)

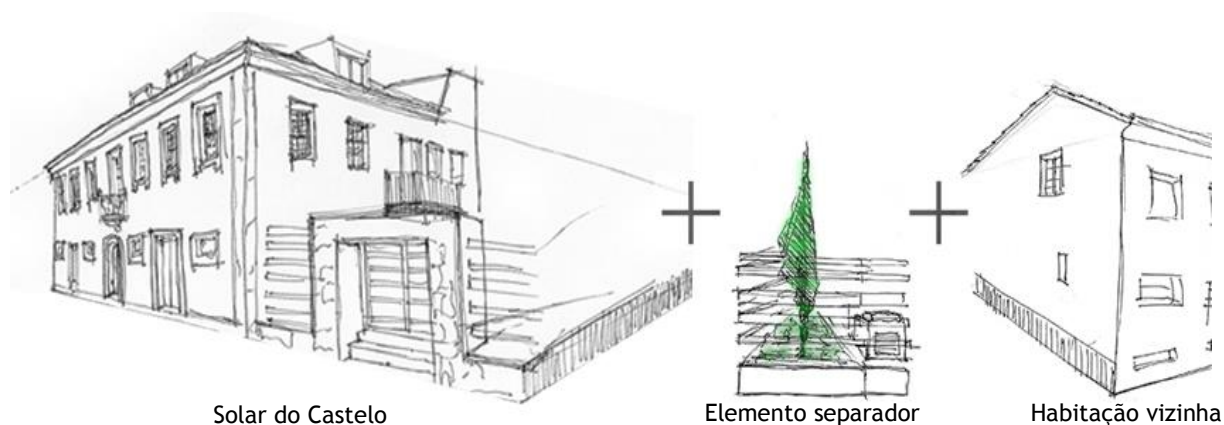


Figura 16 | esquisso de análise.



Figura 17 | Processo de reabilitação do Solar do Castelo.

A possibilidade de acompanhamento da obra no decorrer da sua recuperação, possibilitou a aprendizagem e esclarecimento de algumas soluções construtivas, como também perceber a resolução de alguns aspetos pertinentes neste tipo de edificações.

Segundo o arquiteto António Albuquerque Calvão¹⁴, compreender e ter conhecimento sobre este tipo de habitações, foi de extrema importância para uma primeira fase na elaboração do projeto, facilitando assim o instante seletivo de todos os elementos de valor arquitetónico e a possível preservação dos mesmos.

Composto por seis unidades de alojamento tipo suite, de dimensões consideráveis, sendo cinco acessíveis a pessoas com mobilidade condicionada, distribuem-se, uma no piso térreo, três no piso 1 e duas no desvão da cobertura. Todos os dormitórios seguem uma organização idêntica, estando próximo da entrada as instalações sanitárias unidas com um roupeiro, e seguidamente a zona da cama e um pequeno espaço de lazer, num ambiente mais resguardado. (Fig.18)

O logradouro encontra-se revestido a lajeado de granito, sendo as empenas da construção vizinha adjacente encobertas por revestimento vegetal, ocultando assim a fachada inacabada e uma pequena zona técnica, proporcionando uma maior privacidade aos hóspedes. (Fig.16)



Figura 18 | Distribuição do programa | Dimensões dos quartos.

¹⁴ “António Albuquerque Calvão”, arquiteto com empresa no concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo.

3.3. Agroturismo - Melgaço Alvarinho Houses

Localizado a 4km de Melgaço, na freguesia de Paderne, envolvida por um terreno de cultivo com vinha e pinhal, surge um empreendimento de agroturismo, onde o descanso e a possibilidade de participação na atividade agrícola, podem ser conjugados e virem a tornar-se estimulante a vários níveis.

Local onde outrora existiu uma pequena habitação inteiramente em ruínas, com uma arquitetura tradicional da região, tornou-se em 2014 um ponto de partida para um novo conceito, passando pela recuperação e ampliação do património com mais de dois séculos de história. (Melgaço Alvarinho Houses, 2016)

Um acompanhamento superficial, permitiu o registo fotográfico de vários momentos da obra, (Fig.20) percebendo também a razão da construção de um novo fogo como todos os materiais usados, entendendo particularmente que tudo é fruto do sonho dos atuais proprietários.

Totalmente recuperada, a casa preexistente mantém o preparo de pedra granítica tal como o tipo de telha, tudo para que volte à origem com um aspeto inteiramente renovado e adaptado às novas funções.

Com a necessidade de mais área habitacional, surge a criação de um novo volume praticamente com a mesma área de implantação, como se respeitasse a escala e tradição, porém representativo de uma arquitetura contemporânea. É de notar a importância da materialidade usada no novo volume e a plena união com todo o existente, pois em todo o revestimento exterior, foram usadas umas peças pré-fabricadas, conhecidas por serem empregadas como esteios das vinhas. (Fig.19)

Uma área verde acolhe em simultâneo os dois edifícios, percebendo a relação estética que os une. A homogeneidade visível nos vãos, faz parecer que houve uma deslocação dos mesmos para o novo volume.

Rodeado de uma paisagem natural e genuína, é de referir a extrema importância da existência de um regato, onde o desvio de uma pequena porção de água, serve para cobrir uma piscina, possibilitando assim a imersão num espaço com características naturais e arquitetónicas únicas.

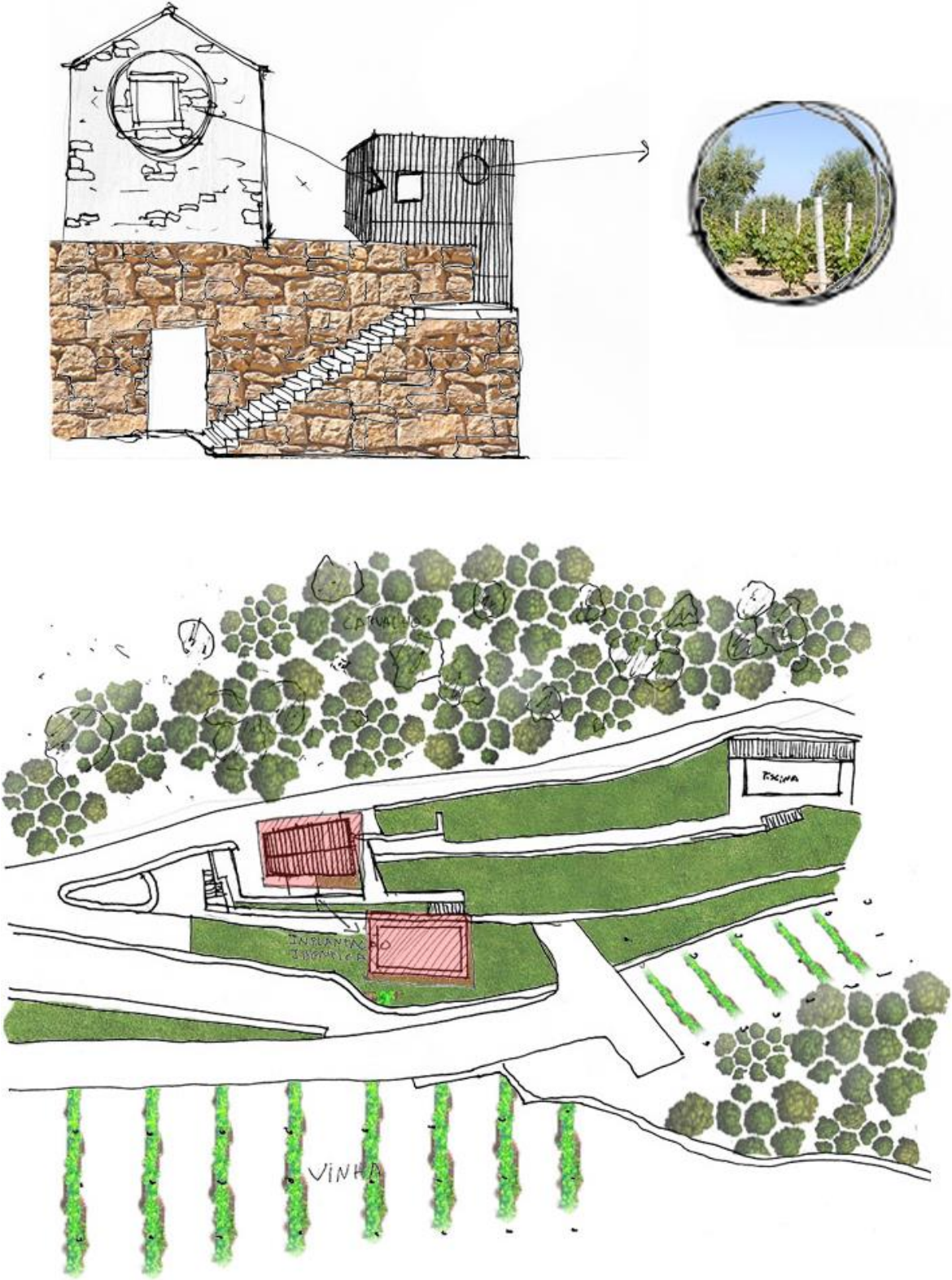


Figura 19 | Esquisso de análise | Implantação.



Figura 20 | processo de reabilitação e ampliação | Melgaço Alvarinho Houses.

.



Figura 21 | Rua Rio do Porto | Anos 50 do séc. XX

Capítulo 4 - HABITAÇÃO | CASA DO RIO DO PORTO

4.1 Os Habitantes

Os elementos principais deste texto, partem da consulta do livro de Augusto Esteves, intitulado por “O meu livro das Gerações Melgacenses”. (ESTEVES, A. 1989, p.407-437)

Trata-se de uma linhagem nobre, brasonada, conhecida pela nomeada de “Cunhas Araújo”, geradora de uma habitação (Fig.21) com grande destaque em Melgaço e conhecidos pelos cargos de extrema importância que detinham.

Sabe-se que o primeiro membro dessa família a residir no Rio do Porto¹⁵, foi o Dr. João António da Cunha Araújo, nascido no século XVIII, casado com Maria Gomes de Abreu e filho de Bento da Cunha Araújo e de Maria Martins, residentes na zona histórica de Melgaço. (Fig.22)

Filho dos primeiros residentes, o Dr. João Manuel Gomes de Abreu Cunha Araújo, recebeu a 1 de Setembro de 1793 a carta de armas¹⁶, concedida por D. Maria I.

No entanto, foi o descendente dos primeiros moradores, neto paterno de Bento da Cunha Araújo e de Maria Martins, bisneto de Gonçalo da Cunha Araújo e de Catarina Esteves, neto materno de João Gomes de Abreu e de Maria Gomes de Figueiroa e bisneto de Manuel Gomes de Abreu e de Jerónima de castro, que solicitou à rainha Maria I, a justificação de nobreza e mandou colocar as pedras de armas¹⁷ no frontispício da habitação.

Em Agosto de 1768, Dr. João Manuel casou em Melgaço com Isabel Maria, filha do capitão Manuel Luís Pereira da Gama e de Maria de Araújo, acabando por falecer em 1813 com testamento cerrado, deixando a seu neto João António o terço da herança.

João António Araújo, casou a 18 de Março de 1805 com D. Maria Luísa dos Reis e seguiu vida militar acabando mais tarde por andar na câmara municipal.

Filha deste mesmo casal, D. Ludovina Rosa de Abreu Cunha Araújo, nascida a 14 de Dezembro de 1809, casou com Gaspar Eduardo Lopes da Fonseca. Finou-se a 23 de Janeiro de 1868 e do seu casamento não houve semente. Com a sua morte, Gaspar Fonseca voltou a casar-se, não interessando a sua descendência, por alheia ser à genealogia Cunha Araújo.

João António de Abreu Cunha Araújo, nascido a 30 de Julho de 1807 e irmão de D. Ludovina Araújo, casou em 1826 com D. Maria Francisca Moreira da Cunha Rego. Fruto de este enlace, nasce em 1827, José António de Abreu Cunha Araújo, que embora não tivesse casado, mantinha relações casuais com Angelina, que trazia consigo já duas filhas. Em 1875, João António,

¹⁵ “Rio do Porto”, morada da habitação.

¹⁶ “Carta de armas”, diplomas manuscritos e ricamente iluminados, que concediam a um indivíduo o direito de usar as armas ou brasão nele especificado.

¹⁷ “Pedras de armas”, brasão.

perfilhou as Filhas, Maria José, que faleceu solteira em 1946, e Filomena da Fortuna, que chegou a casar em 1864 com Júlio Augusto. Com esta sequência, começou a perder-se a linhagem dos Cunha Araújo. O deslocamento para outras cidades, a falta de Dinheiro, entre outros fatores, levou a que a casa deixasse de estar habitada.

É curioso que esta Casa Solar tenha sido adquirida, na década de vinte do século XX, pelo então secretário de finanças em Melgaço, Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, natural de Braga, casado em Melgaço a 21/9/1918 com Margarida Maria, neta ilegítima do fidalgo da dita Casa, Caetano José de Abreu Cunha Araújo, e de Margarida Carolina de Castro Álvares de Barros. O acontecimento gerou polémica, pois Ernesto Viriato era o chefe dos republicanos no concelho, e foi Governador Civil de Viana em 1925. Acusaram-no de monárquico, mas ele argumentou publicamente que comprara aquela Casa fidalga porque estava em ruínas e queria recuperá-la. O certo é que ali viveu com a família, com o peso daqueles brasões à porta de entrada.

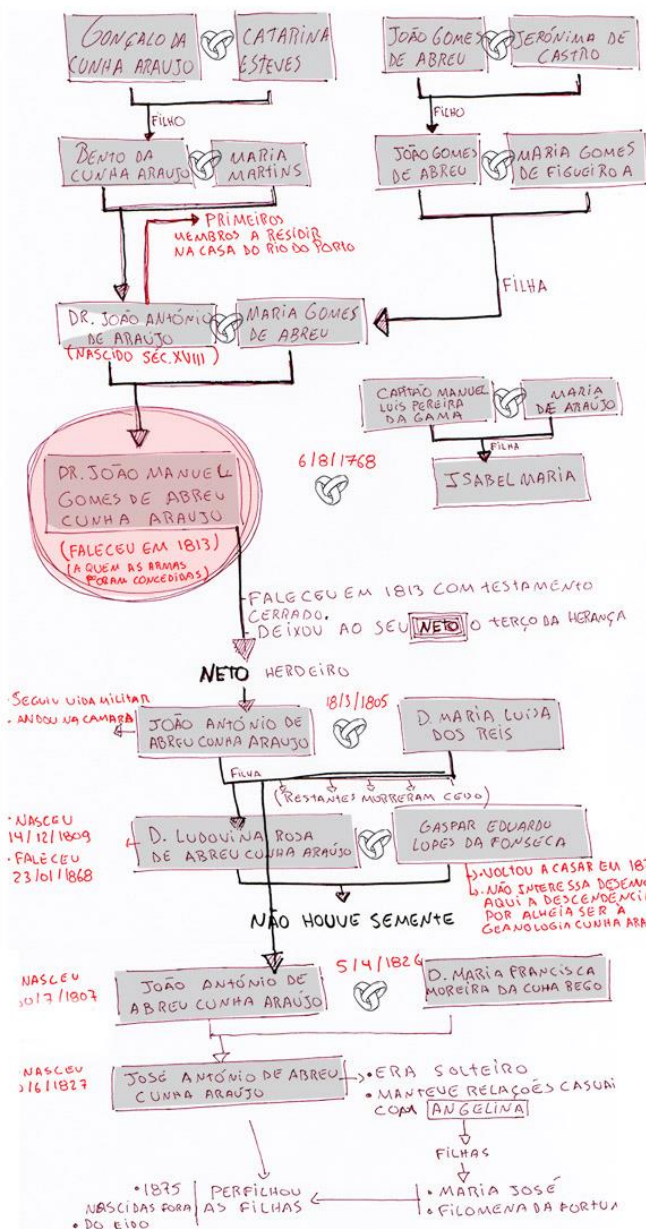


Figura 22 | Esquisto de análise do agregado familiar dos Cunha Araújo.

4.2. O lugar

Com lugar na freguesia da Vila de Melgaço, e no qual está inserido o objeto de estudo desta dissertação, o parque urbano do Rio do Porto (Fig.23), abrange estruturas de carácter recreativo, coletivo e lúdico, proporcionadoras de lazer e entretenimento para os habitantes locais ou mesmo para pessoas que visitem o concelho.

Local organizado e sereno, distribuído ao longo do rio, conta ao longo do ano com a exibição de várias atividades, particularmente por parte da escola superior de desporto e lazer de Melgaço

Fazem parte deste área, o *Museu Espaço Memória e Fronteira*, as piscinas municipais, e num lugar mais central, uma zona de café, acompanhada por um pequeno lago artificial.

Espaços de carácter lúdico, assumem um papel de considerável interesse, e para tal, o parque conta com um skatepark, um campo de jogos, um parque infantil e inúmeros espaços verdes.

A existência de percursos pedonais, calçadas, lagoas e vegetação, faz com que seja possível a articulação de todos os espaços lúdicos.

Caminhando no sentido Norte, numa cota superior, junto ao parque urbano em questão, localiza-se em primeiro plano, o centro da vila, marcado por uma praça rodeada de alguns serviços ligados à restauração, juntamente com serviços ligados ao sector público, nomeadamente a Câmara Municipal, Tribunal e os bombeiros Municipais.

Transpondo o Rio do Porto, em direção a Sul, encontra-se uma banda de edifícios destinados a habitação, com pontuais zonas de comércio.

Zonas destinadas a cultura, especialmente à produção da casta do vinho alvarinho, começam a ser visíveis no seguimento das piscinas municipais, em direção a poente.

A Este, considerada a entrada principal para o espaço em questão, encontra-se um estacionamento destinado ao parque, e o objeto de estudo desta dissertação, sendo este o único ponto a precisar de uma reabilitação. É considerado hoje em dia, quase como um ponto de distribuição, para os vários recantos que esta pequena vila tem para dar a conhecer.

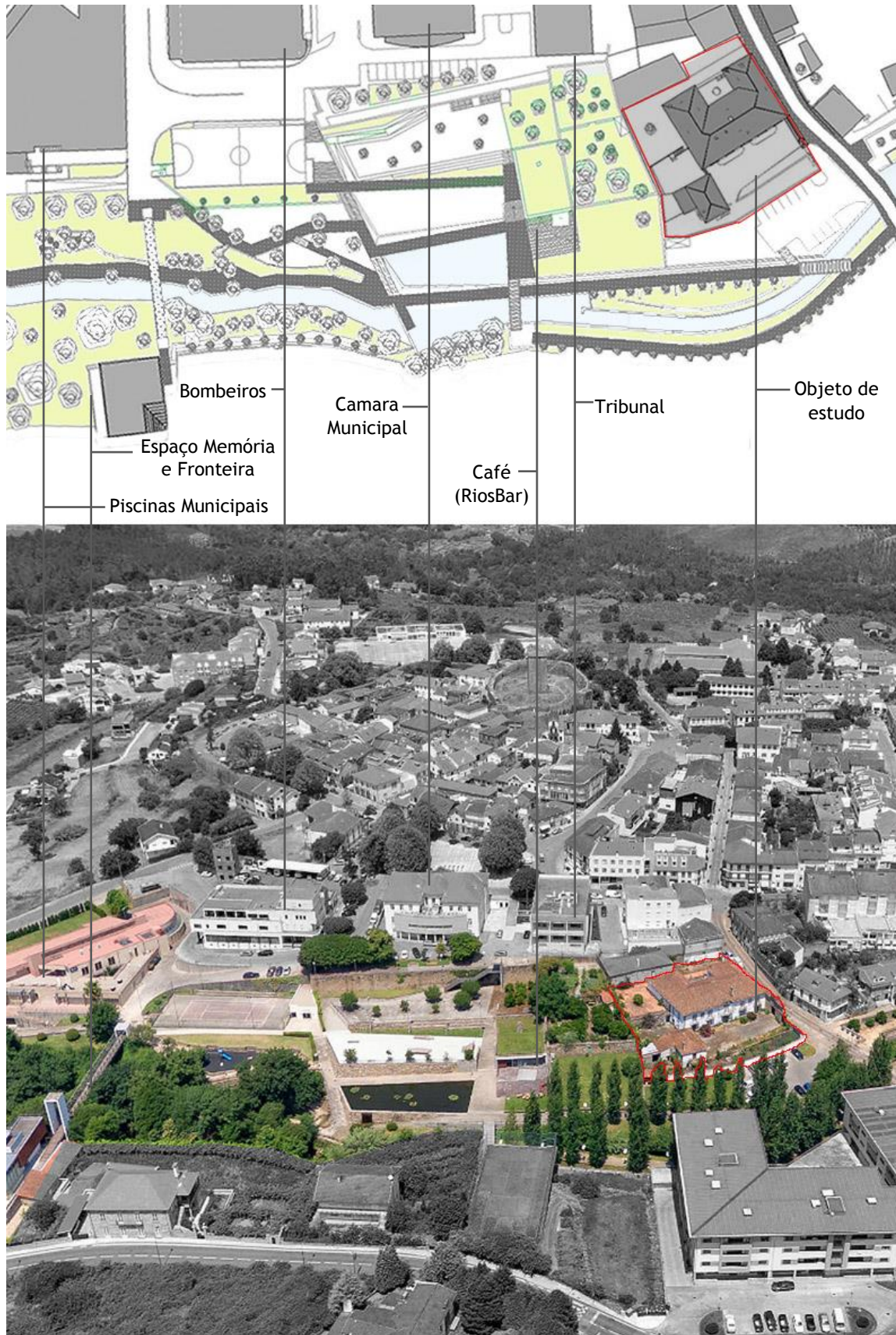


Figura 23 | Localização do objeto de estudo (solar) | Parque Urbano do Rio do Porto

4.3. Casa do Rio do Porto

Casa erguida no século XVIII pela família Cunha de Araújo, com cerca de três séculos de existência, continua a distinguir-se atualmente na vila de Melgaço pelo seu carácter de imponência arquitetónica e história que carrega. (ESTEVES, A. 1989)

Trata-se de um edifício inserido no meio urbano (Fig.24), com uma estrutura em pedra granítica, rebocada e pintada a cor branca, com exceção da cornija, molduras e pilastras¹⁸, que exibem a textura da própria pedra. Tem também um embasamento na parte inferior das paredes, em cinza sobre uma camada de reboco com algum relevo, visível em todos os alçados.

Constituída por uma cobertura de oito águas, com diversas proporções e declive suave, tem remate em beirado duplo através da aplicação de telha de meia cana. Toda esta cobertura, assenta sobre uma construção, que se desenvolve em planta com forma de C.

Além de uma ampla área de cultivo, tem também no seu recinto, uma pequena habitação, destinada aos caseiros, com características arquitetónicas inferiores à do volume principal.

A fachada voltada para a estrada, alçada no acentuado declive da rua, denuncia a presença de um piso e cave, devido à localização de três janelos sob as janelas. Na sua continuidade, apresenta, à esquerda, um imponente portal de acesso ao recinto pertencente à habitação, coberto também, por toda a cimalha e beirado, visíveis em todas as fachadas da casa.

Esse mesmo portal, marcado por um arco central, detém o brasão pertencente à família primitiva, existindo sob o mesmo, uma ampla porta, com dupla folha de abrir.

Em todos os vãos da casa, as padieiras adotam o formato de umas pequenas cornijas salientes, assumindo nas portas, uma forma reta e nas janelas, uma forma ondulada.



¹⁸ “pilastras”, trata-se de pilar fundido numa parede, embora o termo também pode ser utilizado, para elementos isolados da parede.



Figura 24 | Objeto de estudo | casa do Rio do Porto

4.4. O Brasão

Os elementos principais deste texto, partem da consulta do livro de Júlio Vaz, intitulado por “Júlio Vaz apresenta Mário”. (VAZ, J. 1996, p.138-141)

Filho dos primeiros proprietários da casa do Rio do Porto, Dr. João Manuel Gomes de Abreu Cunha Araújo, recebe a carta de armas, atribuída por D. Maria I, a 1 de Setembro de 1793.

Com interesse na descrição do brasão (Fig.25), sabe-se que é constituído por diversos símbolos, identificadores da família Cunha Araújo.

Constituído por um escudo esquartelado, sabe-se que no primeiro quartel, estão assinaladas as armas de ouro dos Cunhas, constituídas por nove cunhas, distribuídas em três alas. Ao segundo quartel, pertencem as armas dos Araújo sobre prata, e uma aspa carregada de cinco besantes de ouro. Passando para o terceiro quartel, referente as armas dos Gomes, é visível um pelicano de ouro com três filhos, que lhe estão consumindo o sangue do peito ferido. Por fim, no quarto quartel, relativo as armas dos Abreus, estão representados cinco cotos de asas de águia.

Mesmo em cima do escudo, encontra-se o elmo de prata aberto. O Timbre¹⁹ dos Cunhas que é meio grifo, de ouro acunhado de azul e com asas azuis acunhadas de ouro.

O citado escudo e armas, só podia ser utilizado pelo dito João Manoel Gomes de Abreu Cunha de Araújo, assim como os antigos Fidalgos.



Figura 25 | Brasão da Casa do Rio do Porto.

¹⁹ “Timbre”, animal, representado com o corpo de leão, cabeça e asas de águia, orelhas de cavalo e barbatanas de peixe.



Figura 26 | Vista do quarto central para o exterior.

Capítulo 5 - LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO

5.1. Síntese de um levantamento Arquitetónico

Sem um projeto atual, ou qualquer informação gráfica do edifício, foi necessária a permanência no local (Fig.26) para fazer todo o tipo de recolha, desde o registo fotográfico, até ao levantamento arquitetónico do atual estado de conservação da habitação.

Considerada como uma primeira fase trabalho, é de referir que se trata de um processo indispensável e de extremo valor para a interpretação do local, para assim dar seguimento a um projeto de reabilitação.

“Cuanto más minuciosos sean los estudios previos, más fiable será el proyecto y, como resultado, también la elaboración del presupuesto y la programación.” (GIEBELER, 2008, 208)

Numa primeira fase, foi efetuada a medição de todo o espaço exterior da habitação, desde os diversos pátios, anexo, e a todas as fachadas existentes.

Pormenores como cornijas, padieiras, portadas, e vários tipos de ornamentação, foram registados através do esboço em papel (Fig.27) e fotografia (Fig28), para quando desenhados rigorosamente, poder haver consulta em caso de dúvida.

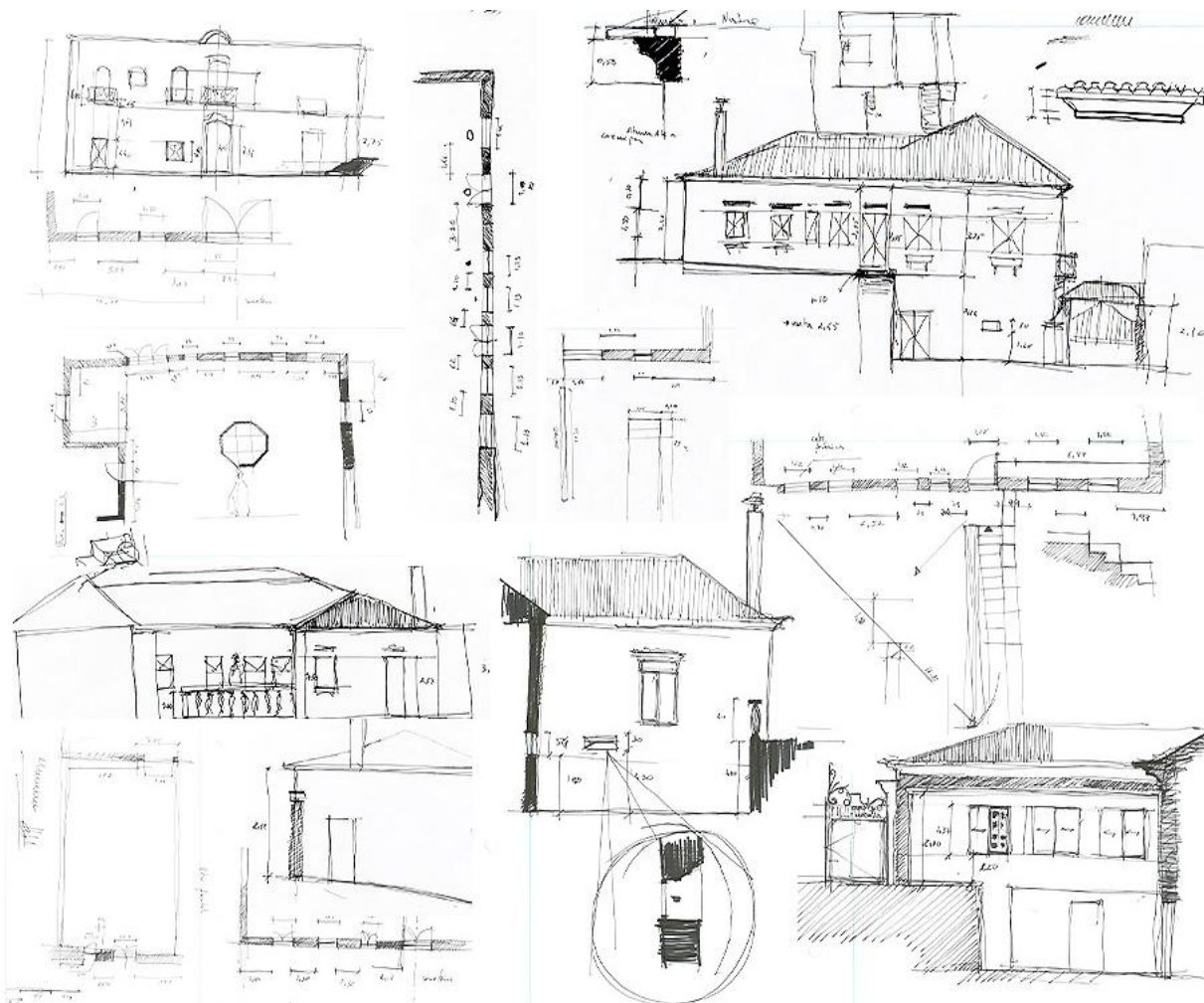


Figura 27 | Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico exterior.



Figura 28 | Seleção de fotografias pertencentes ao exterior da habitação.

Numa segunda fase, já com um conjunto de informações referente ao exterior do edifício principal, procedeu-se à organização e junção das mesmas, com o objetivo de tornar tudo mais rigoroso em formato digital.

Partindo do início que a habitação seria totalmente ortogonal, tal como aparentava na realidade, mais tarde, no momento de juntar a informação já desenhada com a devida precisão, à planta topográfica fornecida pela autarquia local, foi perceptível que tal não se verificava.

Para resolução de tal facto, uma nova deslocação ao local foi inevitável. Foi preciso a medição de diversas diagonais em todo o exterior, desde o limite do terreno até as várias arestas da habitação. (Fig.29)

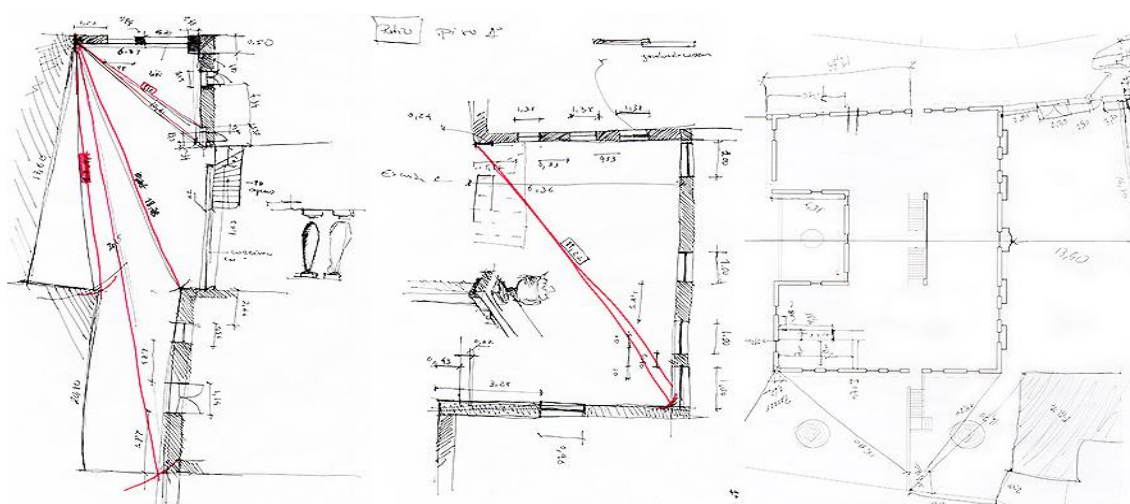


Figura 29 | Seleção de esboços referentes as diagonais do exterior.

Após a correção dos vários ângulos, e a verificação de algumas dimensões, notou-se uma diferença considerável na forma da planta. (Fig.30)

A inserção da planta retificada na planta topográfica, adotou um especto mais correto e de encontro com o que realmente existe. As áreas dos espaços exteriores começaram a coincidir finalmente com o que estava proposto já em papel.

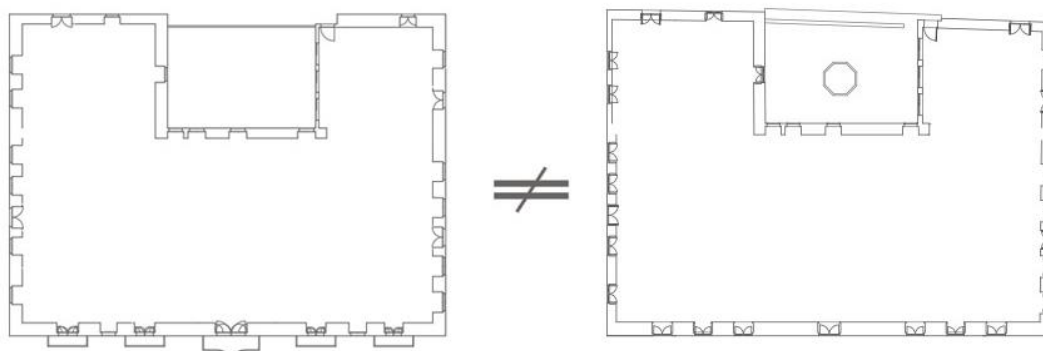


Figura 30 | Correção da implantação.

Na terceira fase, deixando o interior do edifício principal em intervalo, procedeu-se ao levantamento do anexo, antiga casa destinada aos caseiros da família.

Sem cometer o mesmo equívoco relativo à ortogonalidade do edifício, efetuou-se em primeiro lugar, uma avaliação da posição da casa, medindo várias diagonais e alguns espaços interiores. Verificou-se que nada era ortogonal, e a simples existência de divisões interiores que estreitavam ou alargavam, vinham confirmar isso mesmo.

Seguidamente, prosseguiu-se com o levantamento de toda a parte exterior do fogo, desenhando sobre a forma de esquiço todos os alçados e implantação (Fig.31). Processo este, de rápida execução, uma vez que a proporção e o grau de ornamentação, não era tão grande e exigente, como a do anterior levantamento.

Respetivamente ao levantamento interior, apenas foi possível no piso térreo, visto que a laje do primeiro piso mostrava ser insegura, e a presença de orifícios intensificava ainda mais esse facto, impossibilitando assim o levantamento interior desse mesmo piso.

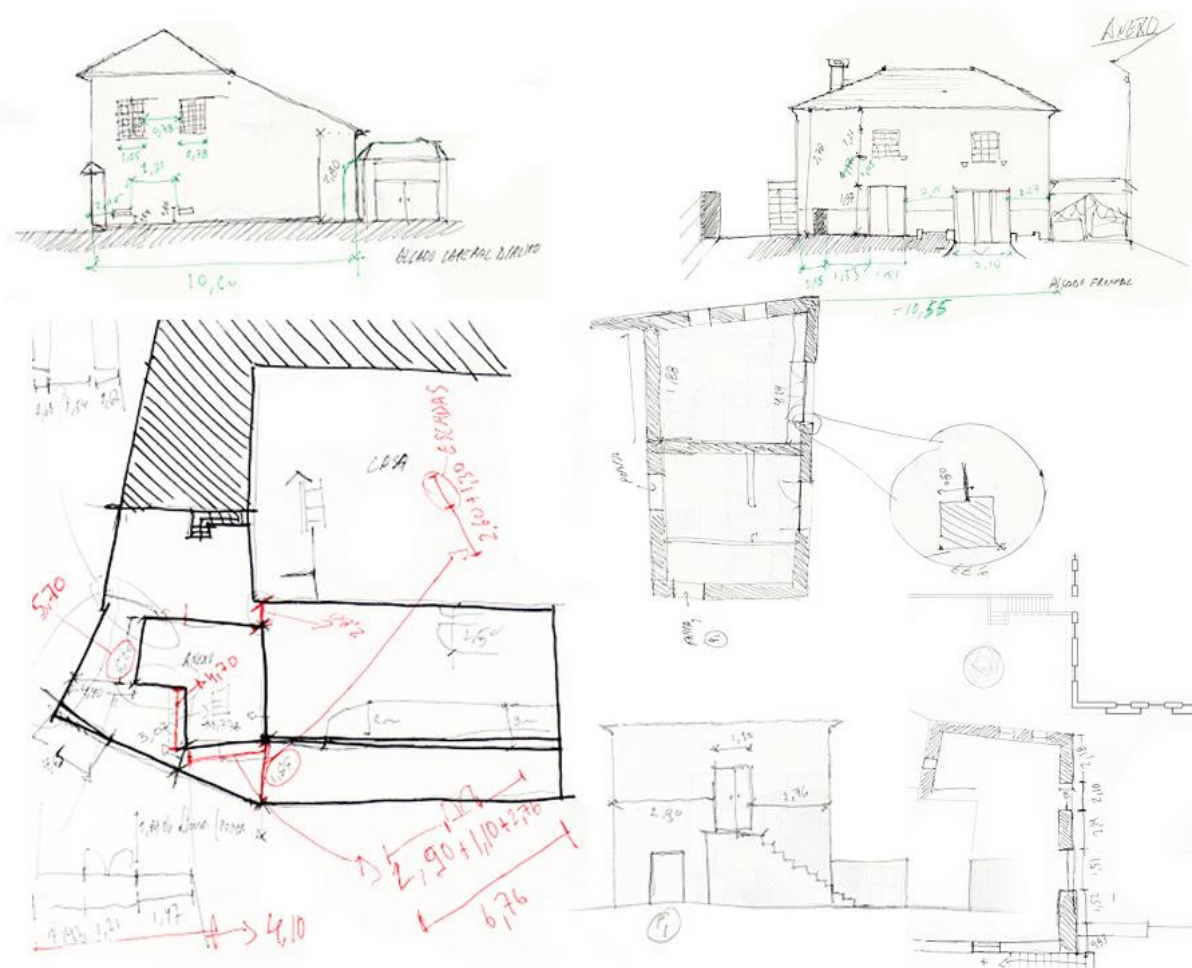


Figura 31 | Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico exterior.

Passando para uma quarta fase de trabalhos, retornou-se ao edifício principal, para dar início ao levantamento de todos os pisos interiores. (Fig.34)

Inicialmente, o método utilizado foi idêntico ao anterior, embora neste caso as anotações das dimensões tenham sido apontados numa planta rigorosa apenas com as paredes exteriores assinaladas, estando assim, todo o interior sem qualquer conteúdo, para o desenho à mão levantada poder ser executado. (Fig. 32)

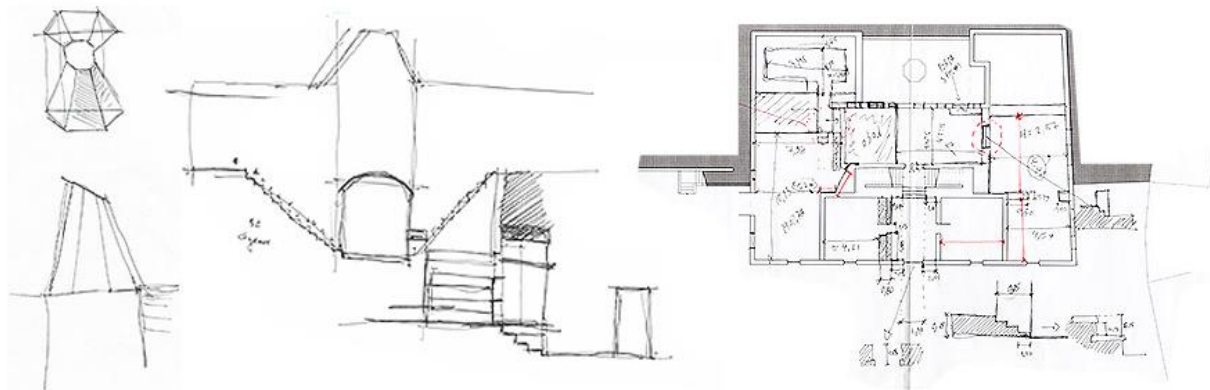


Figura 32 | Seleção de esboços referentes ao levantamento arquitetónico interior.

Mais tarde, na passagem de informação para suporte digital, foi entendido que o conteúdo não era suficiente para um desenho técnico completo. A ausência de comunicação referente a vários pormenores do interior, como molduras das portas, rodapé, zonas com azulejos, pavimentos de diversas divisões, entre muitos outros, estava a condicionar o avanço do levantamento interior.

Como resolução deste impasse, e para acelerar o processo do mesmo, a presença no interior da habitação passou a ser assídua durante uma semana completa. Acompanhado constantemente de material informático, sempre que sucediam medições, eram imediatamente introduzidas em formato digital.

Finalizado todo o levantamento arquitetónico, é curioso como a presença no local, e uma observação do espaço com outro objetivo, pode levar a momentos de inspiração e dar origem às primeiras ideias, em forma de esquisso. (Fig.33)

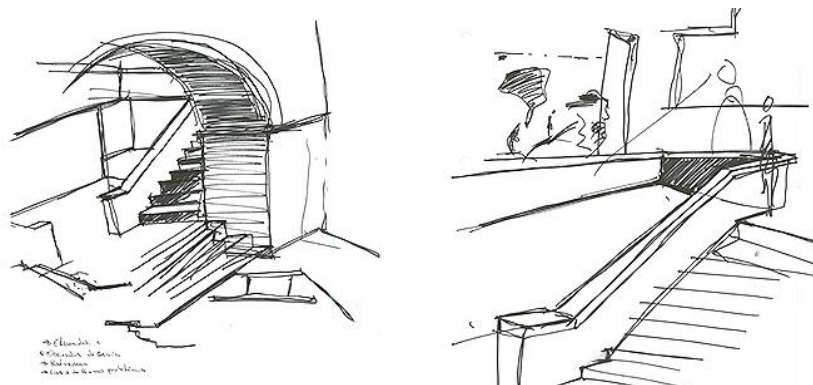


Figura 33 | Primeiras ideias em forma de esquisso.



Figura 34 | Seleção de fotografias pertencentes ao interior da habitação.

5.2. Programa atual da habitação

Como resultado do levantamento arquitetônico, surge um conjunto de plantas, alçados e cortes, representativos do atual distribuição interior e exterior da habitação. Importa referir, que o desenho técnico referente a este tema, encontra-se em anexo, com a devida precisão e informação necessária.

Referente ao programa da habitação principal, sabe-se que é composta por um piso térreo parcialmente soterrado e com entrada principal a sul; por um primeiro piso, atualmente dividido em dois fogos; e por fim, um pequeno espaço de arrumos no sótão. Avizinha também um pequeno anexo de pequenas dimensões com dois pisos com entradas individuais. (Fig.35)

Com maior exatidão, o piso térreo pertencente ao edifício principal, dá lugar a dois tipos de espaços: um destinado à entrada principal, formado por um amplo vestíbulo, com destino imediato para um escritório e uma pequena biblioteca, como também o acesso ao piso superior e a uma zona de arrumos e polivalência, através de uma escadaria em pedra granítica, com vista para uma clarabóia. No restante espaço, com acessos próprios, presencia-se uma zona destinada primitivamente à produção e tratamento de vinho, sendo composto assim por uma adega e garrafeira, acompanhada de um lagar.

Passando para o piso superior, demonstra ser inteiramente destinado a uma zona habitacional, dividido atualmente em dois fogos, com dimensões semelhantes a rondar os 190m² cada um. Ambos têm três quartos, cozinha, sala de jantar, sala de estar e casa de banho, distribuídos de modo diferente. Contém também acesso individuais, sendo considerados a Este e Oeste as entradas principais para cada fogo.

A pequena zona de arrumos, situada no sótão, é apenas destinada a um dos lados, acessível por umas estreitas escadas em madeira.

Relativamente ao anexo, sabe-se que o piso térreo é destinado a uma pequena garagem, e o restante espaço ao armazenamento de material agrícola e à prática de avicultura.

O piso superior, destina-se a uma pequena zona habitacional, com uma área mínima, ocupada em tempo por os chamados caseiros.

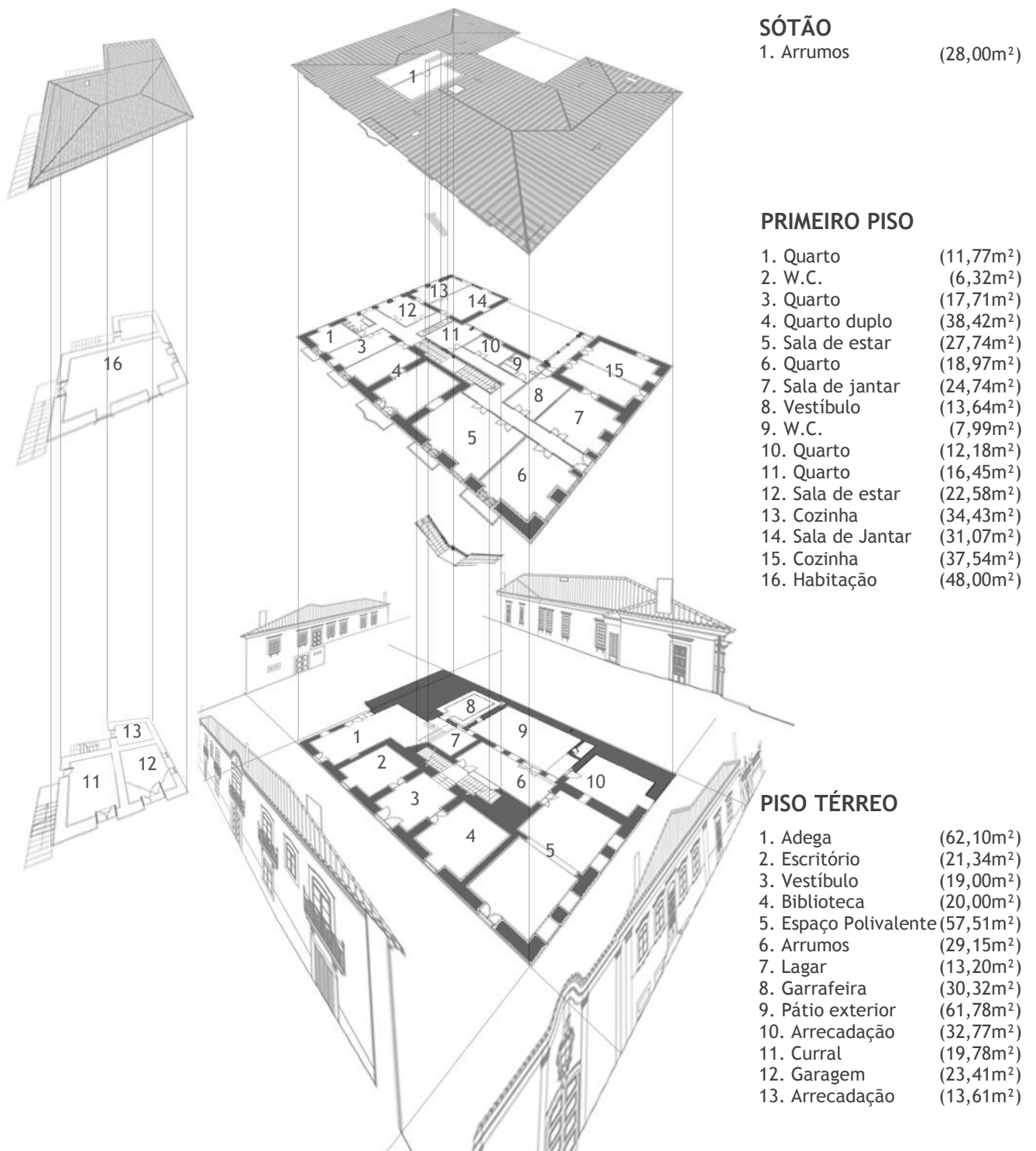


Figura 35 | Peças desenhadas do atual programa habitacional.

5.3. Reflexões finais

No levantamento de edifícios antigos, deve pressupor-se previamente, o máximo de conhecimento, pertencente ao edifício a entrevir, tanto a nível histórico como material. Trata-se de uma verdade de simples aceitação, que muda por completo o olhar sobre a habitação, e possivelmente, de um modo involuntário, no ato de fazer um levantamento arquitetónico, a percepção do espaço ou mesmo de aspetos decorativos, vão fazer muito mais sentido, uma vez que a informação sobre o espaço, já foi interiorizada anteriormente.

Não basta a observação do edifício para se perceber como ele é. Há verdades em habitações antigas, por muito que aparentem ser ortogonais em todos os ângulos, pode na realidade não se vir a confirmar, e por consequência, o tempo planeado para este processo, tende a estender-se.

O registo fotográfico, assume um papel de extrema importância, funcionando quase como uma segunda memória, que pode ser recordada a qualquer momento e em qualquer parte, sendo assim bastante vantajoso neste tipo de trabalhos.

A prudência, deve ser constantemente lembrada a cada passo, nunca esquecendo, que existem materiais estruturais em possível deterioração.



Figura 36 | Alçado Este da proposta.

“A decisão por determinadas medidas dependerá do “quê” e do para quê”. Dependerão da função, da construção, do contexto, da luz e da economia.” (BAEZA, 2011, 46)

Capítulo 6 - A PROPOSTA

6. Aspetos gerais

A proposta aqui introduzida, advém essencialmente do conteúdo teórico anteriormente referido, desde a análise do local, até ao levantamento arquitetónico, originando fundamentações para a nova função, assim como a alteração espacial.

Agora com uma nova utilidade, é verificável um conjunto de operações que aumentaram significativamente os níveis de qualidade do edifício, alcançando assim uma conformidade com níveis de exigência funcionais mais rigorosos, do que aqueles, para os quais o edifício foi objetivado.

O edifício proposto (Fig.37) dispõe, de área de receção e atendimento a hóspedes, na entrada a sul, espaço polivalente (de estar e sala de pequeno almoço com garrafeira), um pequeno SPA, e sete unidades de alojamento tipo suite, sendo cinco acessíveis a pessoas com mobilidade condicionada.

É perceptível a extinção do antigo anexo, e a forma como nasce, da antiga implantação, um espaço recreativo, coberto por um espaço de caráter social, caracterizado por uma arquitetura contemporânea, mas em perfeita harmonia e conexão com o edificado existente.

Parâmetros urbanísticos:

Área do terreno - 1759.45 m²

Edifício (reabilitação)

Área útil total - 685.49 m²

Área bruta total de construção - 1109.64 m²

Número de pisos - 2 + sótão.

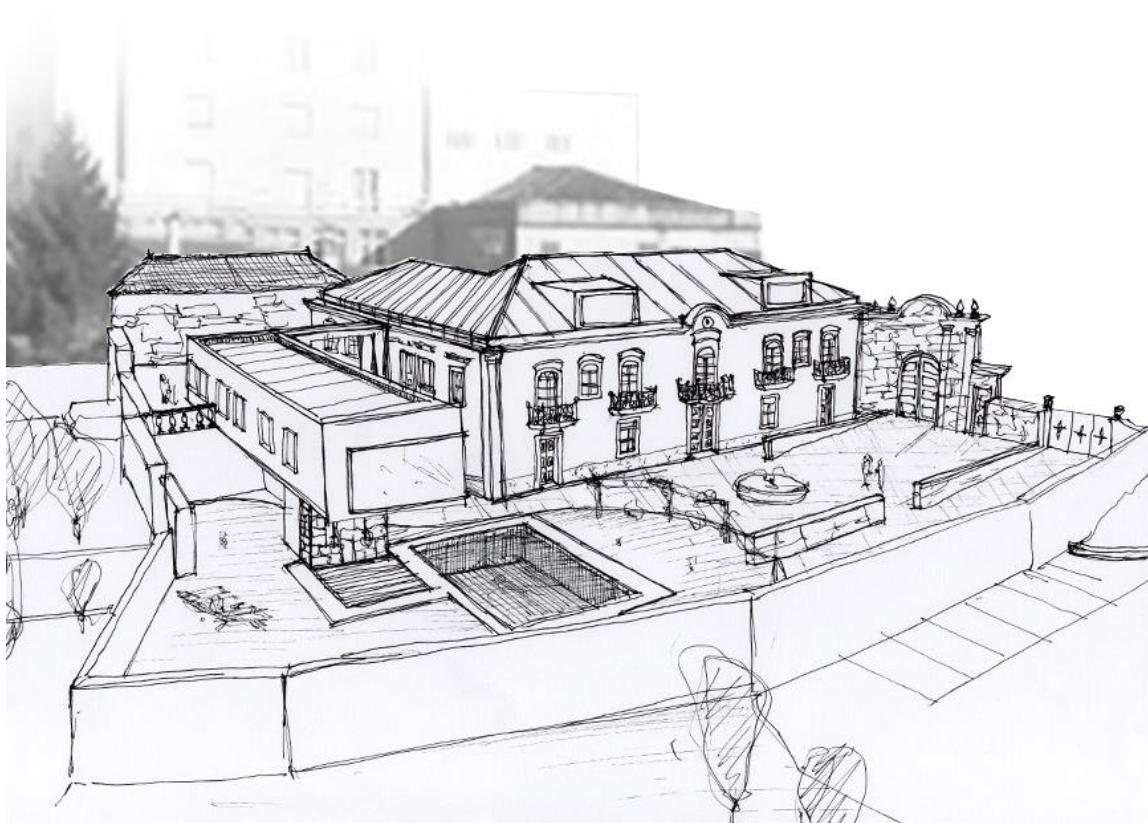


Figura 37 | Esquisso geral da proposta.

6.1. A Habitação

A nova solução passa por uma transformação integral do programa funcional, com o propósito de dar resposta à função de Turismo de Habitação.

Após a compreensão do serviço pretendido e sem desprezar os aspetos que moldam a real identidade da habitação, a proposta direcionou-se inicialmente, para uma triagem de todo o recheio com importância arquitetónica, e análise de aspetos estruturais.

Numa fase de conceito, surgem termos como, *programa, dimensão, luz e simplicidade*, utilizados em simultâneo, com aplicação adequada aos diversos espaços. (Fig.39)

Usada uma estratégia de distribuição espacial muito comum, esta reabilitação reserva o piso térreo para uma zona de carácter público e acessos, deixando o primeiro piso e sótão para o posicionamento de aposentos.

Tendo em conta as abordagens que Alberto Campo Baeza faz sobre a luz e a importância da mesma sobre o espaço proposto, assume um papel imprescindível na repartição do programa. (Fig.38)

“A luz é uma componente essencial, imprescindível na construção da Arquitectura. A luz é MATÉRIA e MATERIAL. Como a pedra. Quantificável e qualificável. Controlável e mensurável.

Sem Luz NÃO há Arquitectura, Apenas construções mortas. A Luz é a única capaz de tensionar o espaço para o homem. De Colocar o homem em relação com esse espaço, criado para ele. Ele tensiona-o, torna-o visível.” (BAEZA. 2013, 50)

Os quartos recebem uma posição adjacente à fachada, com o objetivo de serem abrangidos pela luz horizontal natural, ficando assim, o núcleo reservado para espaços de estar e distribuição, iluminados essencialmente por luz vertical natural, através de uma clarabóia central preexistente e por outra de nova construção, com o intuito de abranger zonas de fraca exposição solar.

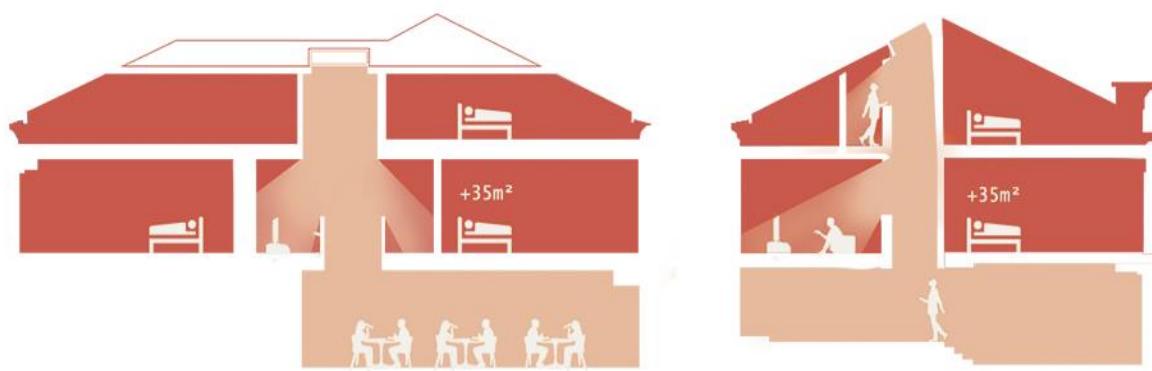


Figura 38 | Esquema síntese da proposta I a luz vertical no espaço.

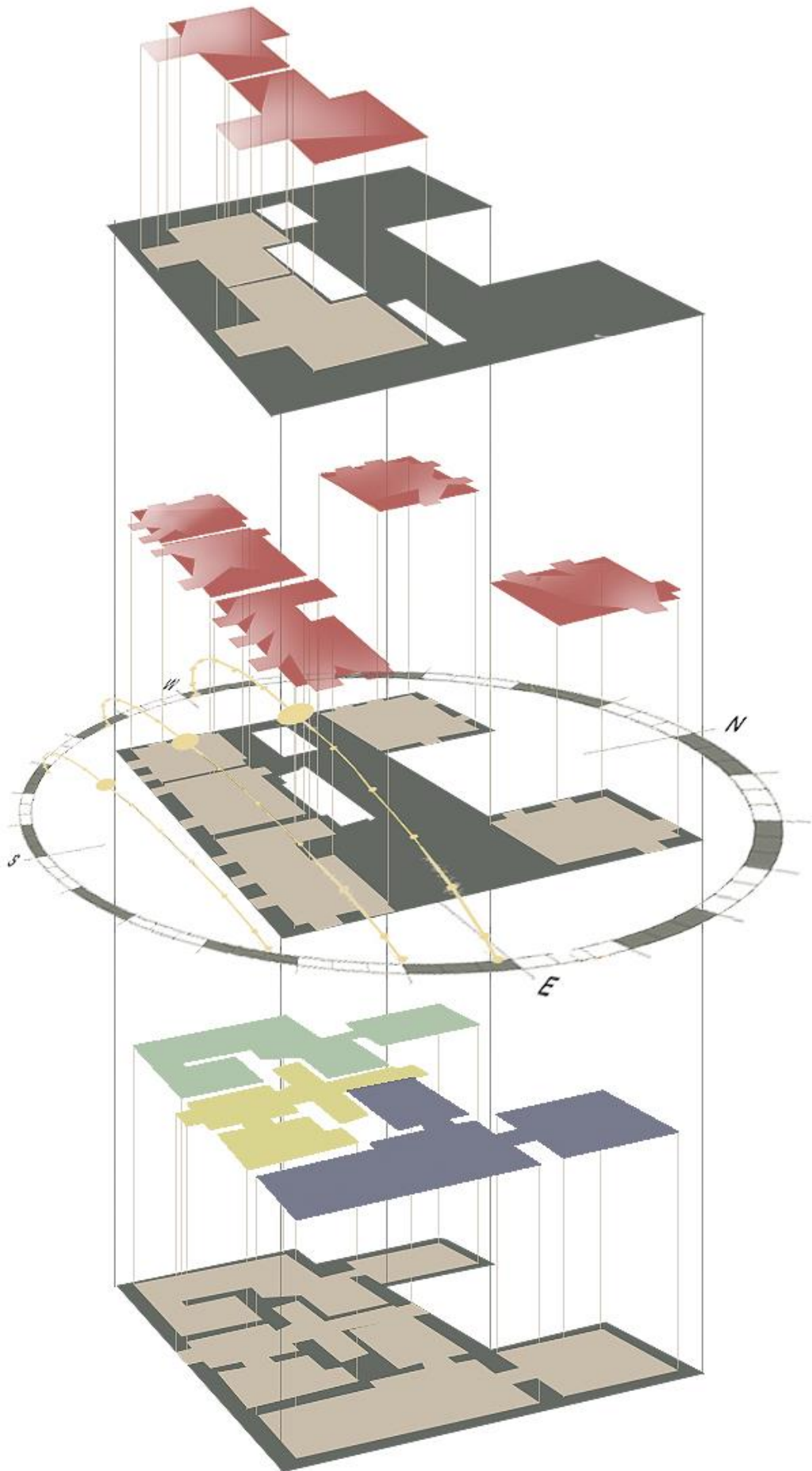


Figura 39 | Esquema geral da proposta | programa e a Luz horizontal.

6.1.1. Programa e Funcionalidade

Edifício constituído por dois pisos mais sótão, reserva o piso térreo para um pequeno spa e uma zona de refeições, coexistindo entre estes dois espaços, uma zona destinada ao acesso principal com a respetiva receção de hóspedes, e um acesso secundário através de um pequeno pátio exterior.

No primeiro piso e sótão, uma zona mais privada, é proposto um espaço central polivalente e distribuidor das zonas de quartos.

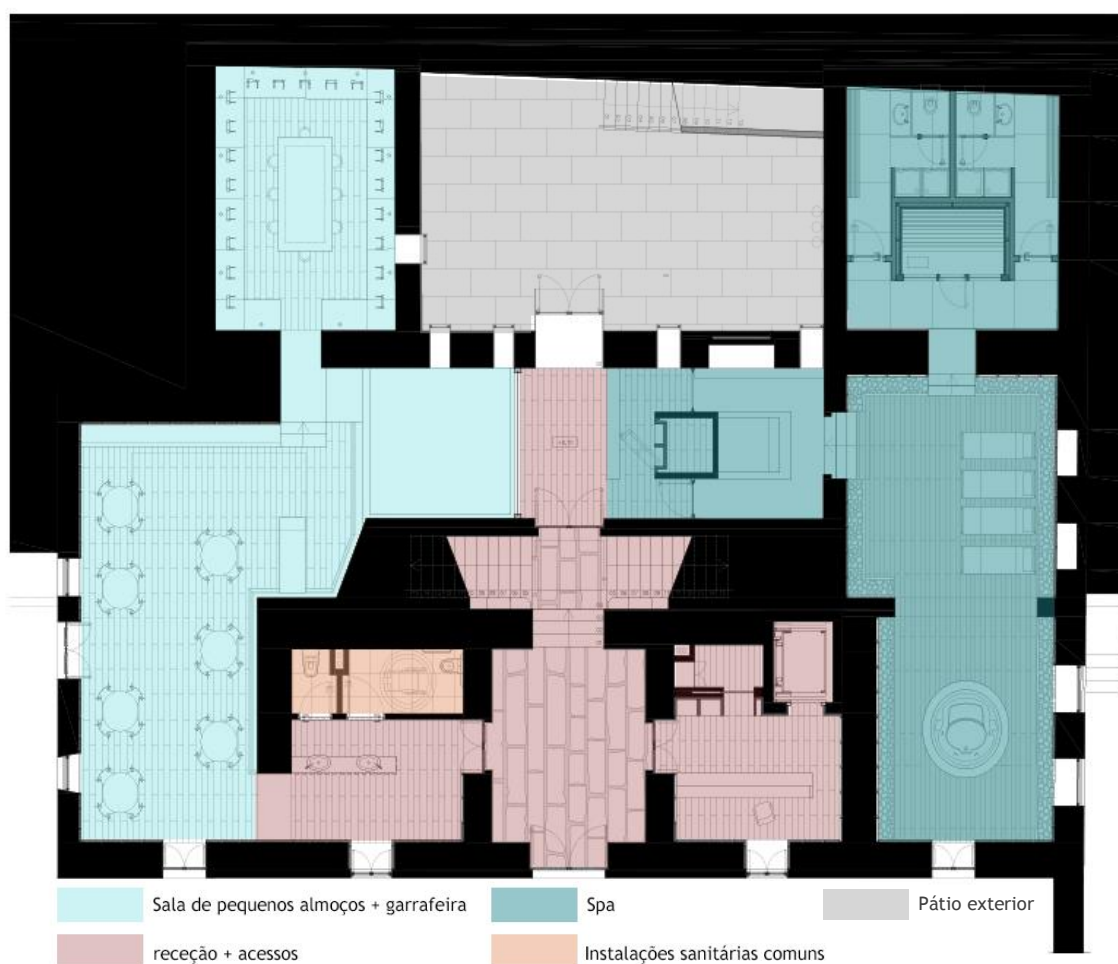


Figura 40 | Planta piso térreo.

PISO TÉRREO (Fig.40):

Com entrada principal a sul, aparece em primeiro plano o vestíbulo, um espaço central, capaz de orientar o hóspede para as diferentes zonas do imóvel. Considerado como ponto de distribuição, destaca-se o acesso imediato à escadaria pré-existente em pedra granítica iluminada por uma imponente clarabóia. Trata-se de uma zona onde as características iniciais da habitação são visíveis, visto que o conteúdo das paredes e pavimentos, foram preservados devido ao seu valor histórico e arquitetónico. (Fig.41)

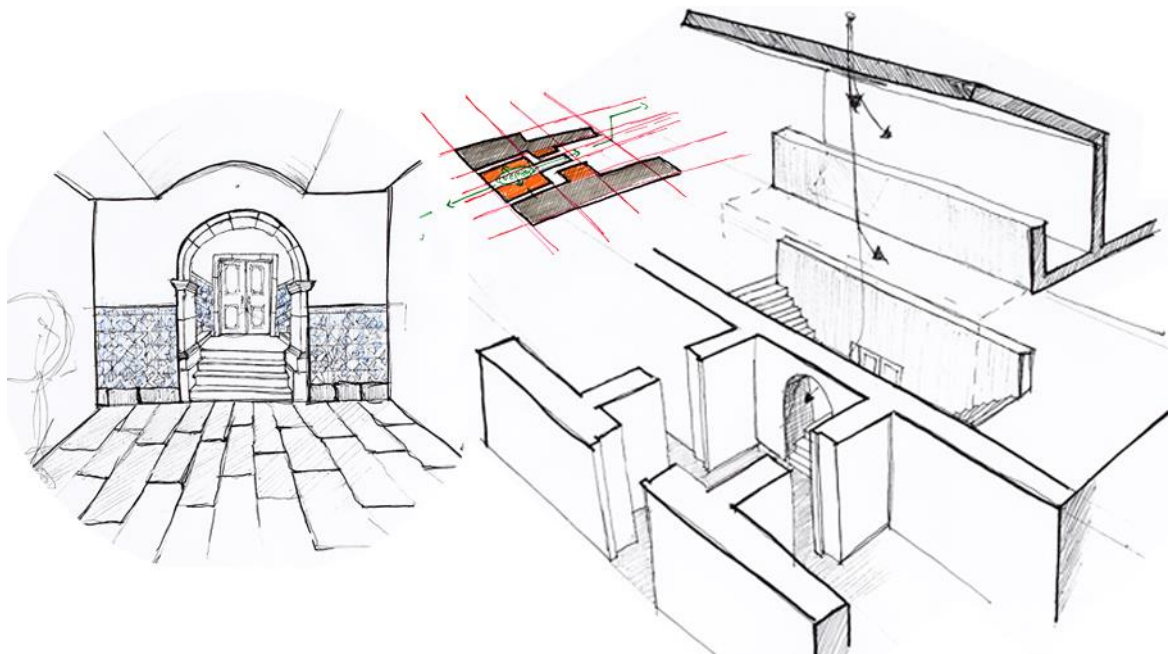


Figura 41 | Esquisso da entrada principal.

A poente fica um espaço destinado a pequenos-almoços, assistido à entrada por uma zona de instalações sanitárias comuns, porém, para que o acesso fosse possível entre estes dois espaços, foi necessário a demolição de uma pequena parte da parede. É também apoiado por uma pequena zona denominada por garrafeira, pensada para uma possível exposição e prova da cultura vinícola local.

Tal espaço, localizado a poente e com escassez na existência de vãos, surge a necessidade de aumentar a inserção de luz natural. Como resposta a este fator, é criado uma entrada de luz vertical. (Fig.42)

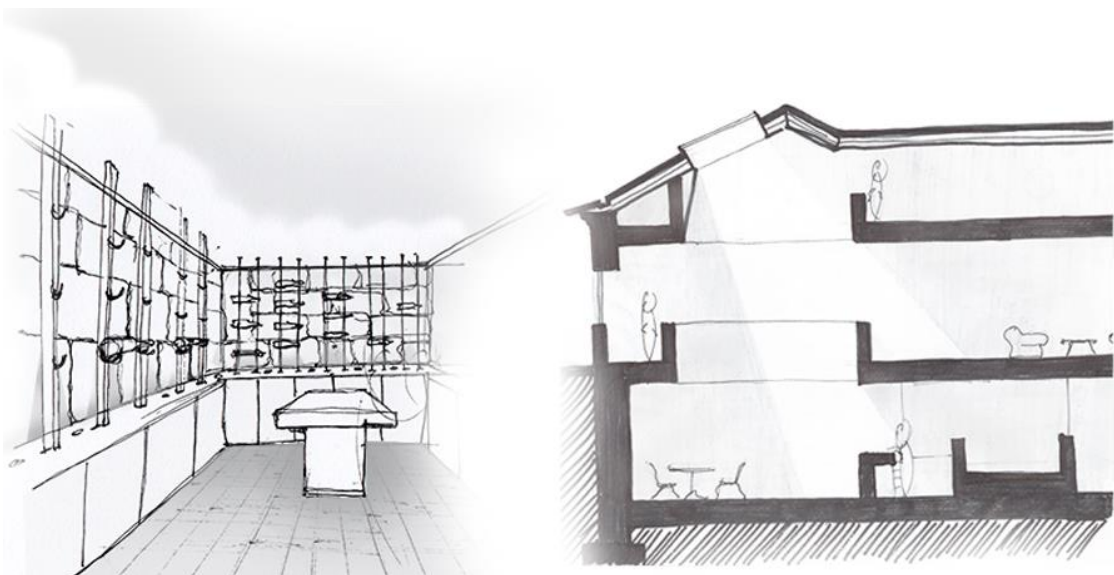


Figura 42 | Esquisso da garrafeira e sala de pequenos-almoços.

No lado oposto, a nascente e parcialmente soterrado, aparece um espaço dedicado a um pequeno spa, composto por três divisões de diferente prática. Na área central, surge uma zona com jacuzzi acompanhado de uma parte de relaxamento, separados apenas por um arco em pedra granítica pré-existente (Fig43). Os restantes dois espaços adjacentes, contêm um pequeno espaço de banho de imersão, e o outro, uns balneários e uma sauna.

Todo este espaço de banhos e relaxamento, contem receção própria e pode ser acessível pela entrada principal, ou apenas por uma entrada a norte através de um pequeno pátio, existindo assim a possibilidade de criar um acesso restrito para este espaço.



Figura 43 | esquisso do spa.

Importa referir, que ambos os espaços de pequenos-almoços e spa, contêm uma estratégia no posicionamento de iluminação, baseada no facto de se poder atravessar o espaço sem ter que ligar algum tipo de iluminação direta. Surge então, a intensão de criar uma iluminação de presença, inseria nas paredes delimitadoras. (Fig.44)



Figura 44 | Esquisso da sala de pequenos-almoços | pontos de luz.



Figura 45 | Planta do primeiro piso | organização dos quartos.

PRIMEIRO PISO (Fig45):

Piso destinado ao posicionamento dos quartos, acompanhados por uma zona de estar / acessos central. Os quartos, no seu interior, seguem uma distribuição funcional equivalente. Junto da entrada dos mesmos, é sempre posicionada uma zona de chegada com um roupeiro embutido numa parede, e acesso imediato para as instalações sanitárias. Num segundo plano, encontra-se uma pequena área de leitura e uma extensão destinada a colocação da cama, separados por um ripado de perfis em forma de C, orientadores de uma luz artificial indireta. (Fig.46)



Figura 46 | Esquema de distribuição dos interiores dos quartos e esquiço.

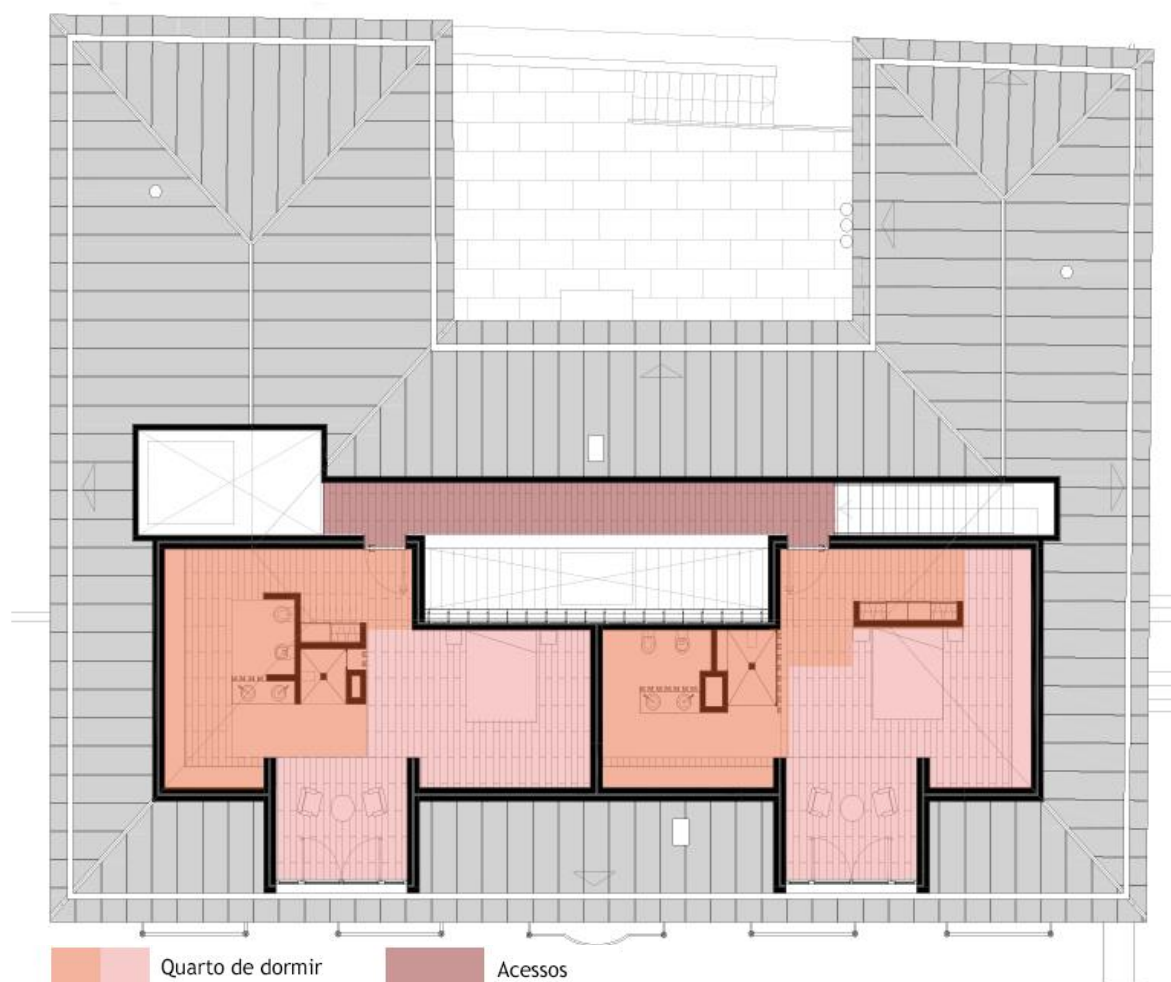


Figura 47 | Planta sótão.

SÓTÃO (Fig.47):

Piso destinado aos restantes dois quartos, portadores do mesmo conceito existente nos do piso inferior. (Fig48)

Piso acessível por uma escada, criada parcialmente por vigas de madeira, provenientes da antiga estortura das lajes, e com a restante construção em chapa dobrada.

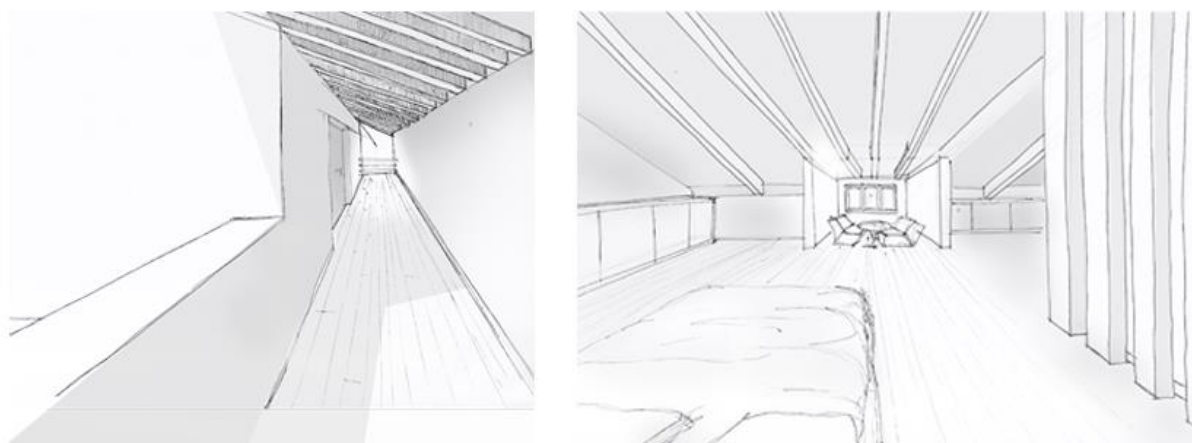


Figura 48 | Esquisso do acesso e interior de um quarto no sótão.

6.1.2. Aspetos gerais de construção

Estrutura / Paredes:

Substituição e remodelação da cobertura e estrutura de suporte, de acordo com as peças desenhadas e substituição de telha por zinco com junta agrafada, colocado de forma que a cornija fique mais saliente.

Estrutura de suporte em madeira que deverá ser substituída por estrutura metálica e lajes mistas com chapa colaborante, revestidos a soalho de madeira com a exceção das zonas húmidas ou áreas em que os pavimentos pré-existentes foram mantidos.

As paredes estruturais de alvenaria de pedra aparelhada foram mantidas, enquanto que as paredes divisórias serão executadas em fila única ou dupla de tijolo cerâmico, dependendo da divisão a envolver. No caso de fila dupla, existe isolamento acústico / térmico entre os tijolos.

6.1.3. Aspetos gerais de acabamentos

Fachadas exteriores / cobertura / Arranjos exteriores:

Em todas as fachadas, deverão ser reparadas as massas de reboco, incluindo fissuras e posterior pintura a cor branca.

No sótão, as madres em madeira e o contraplacado marítimo, deverão ser pintados a cor branca.

No pátio frontal, além da inserção de uma pequena fonte central, a calçada portuguesa deverá ser removida parcialmente junto à zona de piscina, para dar lugar a uma zona de relvado, e colocada junto ao limite do terreno a sul. Nos restantes pátios, lateral e posterior, deverão ser cobertos por lajetas de granito.

A norte, reserva-se um pequeno espaço para uma zona técnica, oculta por vegetação vertical e um pequeno gradeamento em aço patinável. (Fig.49)

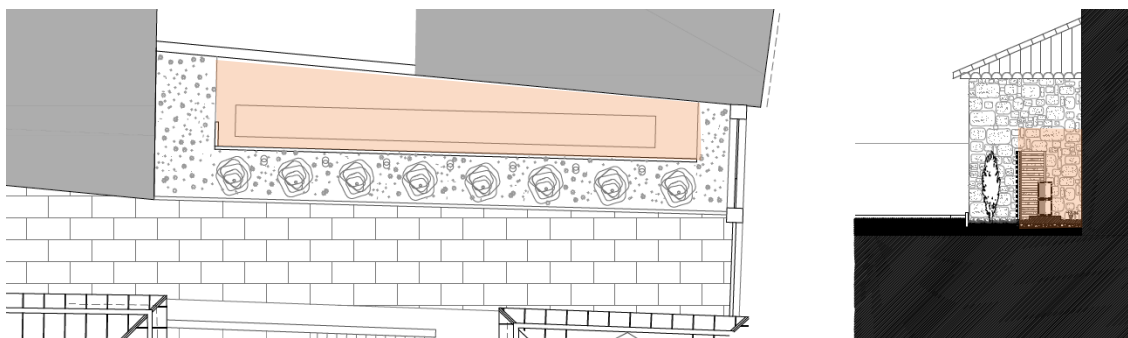


Figura 49 | Zona técnica | planta e corte.

Acabamentos interiores / Pavimentos / Paredes / tetos:

Piso térreo:

No piso térreo, o pavimento em granito aparelhado e paredes com azulejos pintados à mão, pertencentes ao vestíbulo e escadaria, são para recuperar.

Na sala de pequenos-almoços, garrafeira, acesso as instalações sanitárias e ambas as áreas destinadas a receções, o pavimento propõem-se a soalho de madeira maciça (castanho) envernizado. As paredes destas mesmas divisões, com a exceção da garrafeira e receção da zona de banhos, são parcialmente cobertas com placas de gesso cartonado, deixando à vista parte da pedra constituinte da parede. A parede estrutural interior, tem a face voltada para a sala de pequenos-almoços, totalmente com a pedra à vista.

Na garrafeira, os muros encostados as paredes, propõem-se totalmente forrados a madeira maciça de castanho, sobre os quais se assenta uma estrutura metálica para exposição de garrafas, com as paredes estruturais inteiramente à vista.

As paredes laterais da zona de receção de banhos, são inteiramente rebocadas com posterior pintura a cor branca.

Referente às instalações sanitárias comuns, prevê-se o uso de microcimento para o pavimento e respetivas paredes.

Na zona de banhos, destina-se o uso de deque rodeado por uma pequena extensão reservada à colocação de seixo branco, rodeado por paredes revestidas parcialmente a gesso cartonado hidrófugo pintado a branco, com a exceção do espaço destinado ao balneário e banho de imersão, que se prevê o preenchimento do pavimento em pedra granítica bujardada a pico fino.

Todos os compartimentos são alvo de tetos falsos em placas de gesso cartonado com acabamento em estuque projetado, pintado a branco puro. No caso de zonas húmidas, é usado gesso cartonado hidrófugo.

Primeiro piso:

O pavimento propõe-se maioritariamente em soalho de madeira maciça (castanho) envernizada, com exceção das zonas de casa de banho pertencentes aos quartos, onde é usado microcimento. O pavimento do quarto 5 (Fig.50) é parcialmente mantido na área anteriormente destinada à cozinha, revestido com mosaico hidráulico.

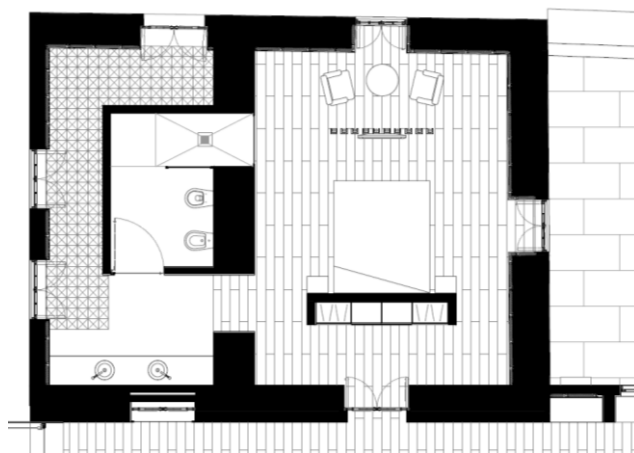


Figura 50 | Distribuição interior do quarto 5.

As paredes estruturais conservadas, propõem-se novamente rebocadas a branco e a recuperação do respetivo rodapé. Todas as restantes paredes de nova construção, são igualmente rebocadas a branco com um novo rodapé em madeira maciça de castanho, com a exceção de casas de banho, onde o rodapé se propõe em aço inox acetinado.

Igualmente ao piso térreo, todos os compartimentos são alvo de tetos falsos em placas de gesso cartonado com acabamento em estuque projetado, pintado a branco puro. No caso de zonas húmidas, é usado gesso cartonado hidrófugo.

Sótão:

O pavimento propõe-se maioritariamente em soalho de madeira maciça (castanho) envernizada como o respetivo rodapé, e paredes rebocadas com posterior pintura a branco, com exceção das zonas de casa de banho, que se sugere um revestimento de microcimento para paredes e respetivos pavimentos.

O teto exhibe as madres em madeira juntamente com o contraplacado marítimo, ambos pintados a cor branca.

Serralharias / Caixilharias:

As portas exteriores e interiores, incluídas nas paredes que foram mantidas, são recuperadas e restauradas.

Propõe-se a substituição dos vãos existentes por novos de igual desenho e de maior eficácia térmica, e inclusão de novos na cobertura, igualmente em madeira. Posteriormente deverão ser lacados a cor branca.

6.2. Nova construção

A criação de um novo volume, inspira-se no caso de estudo do “Hotel e Spa Vidago Palace”, na fase em que surge uma ampliação do programa com a autoria do arquiteto Siza Vieira.

Numa das partes da ampliação é visível um novo volume contemporâneo, e a ligação que este tem com edifício principal, mostrando assim a possibilidade de união entre dois corpos de diferente linguagens. (Fig.51)



Figura 51 | Esquema do conceito do Hotel e Spa Vidago Palace.

Com necessidade de libertar espaço junto à fachada frontal, e a carência de um espaço lúdico comum, propõem-se a demolição do anexo existente, de fraco valor arquitetónico, para erguer uma nova zona agrupada com uma nova construção.

O novo espaço, mantém apenas uma das paredes do edifício demolido e surge na projeção zenital das marcas da antiga implantação, deixando-a em memória.

Com a implantação dividida em duas formas simples, surge na parte de maior área uma piscina exterior, enquanto na de inferior dimensão, nasce um novo volume destinado a uma zona de café / bar comum. Assente parcialmente na parede preexistente, segue as linhas orientadoras da antiga implantação, embora esteja elevado do solo e tenha sido alongado para poder apoiar no pátio de cota superior.

O facto de esta nova construção ter que assentar em parte no pátio adjacente, tem como finalidade, dar ligação direta através da zona de distribuição do primeiro piso.

Relativamente à abertura de vãos a poente, procurou-se um ritmo idêntico ao presente no alçado adjacente. Porém, no sentido oposto, a fachada é marcada com uma abertura de dimensões significativas, que possibilita a vista sobre a piscina e todo o espaço exterior.

Esta estratégia permite uma separação de usos / ambientes, que apela ao conforto dos hóspedes, separando um espaço potencialmente mais ruidoso das zonas de descanso. Ainda assim privilegia-se a fácil comunicação entre os dois volumes, o novo e o pré-existente.

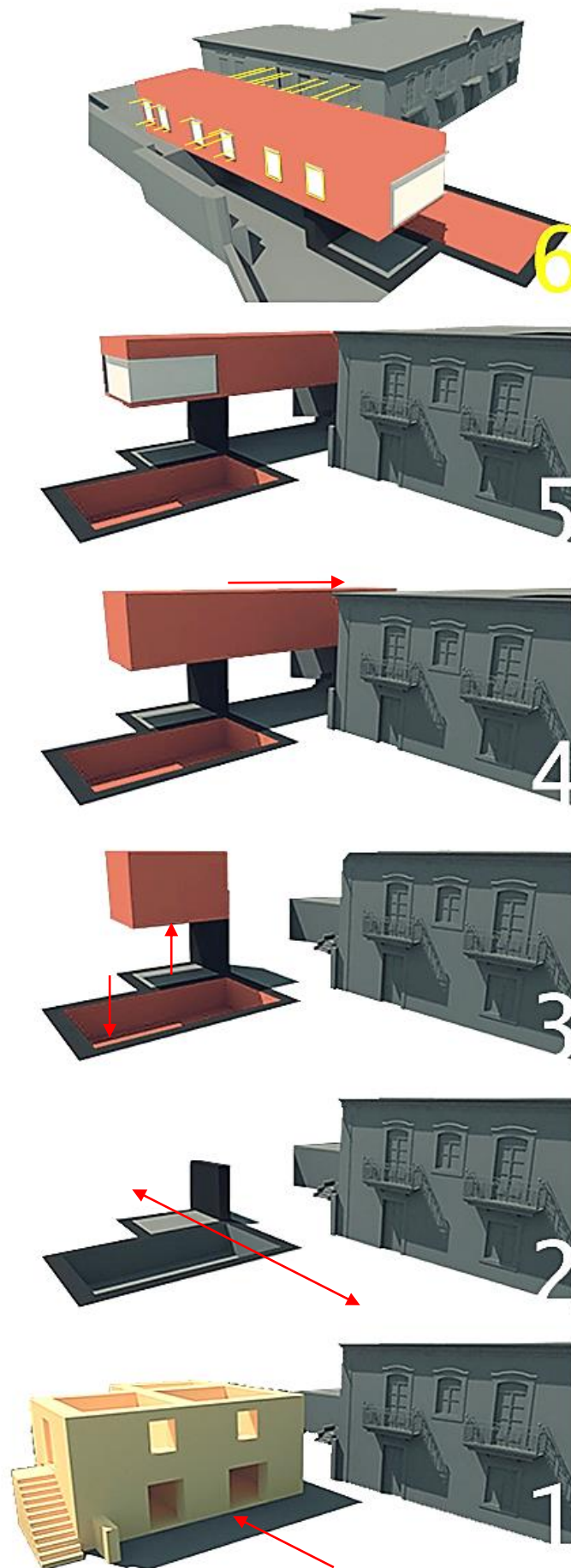


Figura 52 | Esquema do conceito da nova construção.

6.2.1. Programa e Funcionalidade

Edifício constituído por um piso, reserva o seu interior para uma zona de café / bar, destinado aos hóspedes. (Fig.53) O acesso é feito através do pátio de igual cota à zona de distribuição dos quartos, simplificando assim o acesso entre os dois volumes (Fig.54). Importa referir, que a existência de um acesso individual para este espaço, pode eventualmente servir para receber outro tipo de visitantes, sem causar algum incómodo aos utentes.

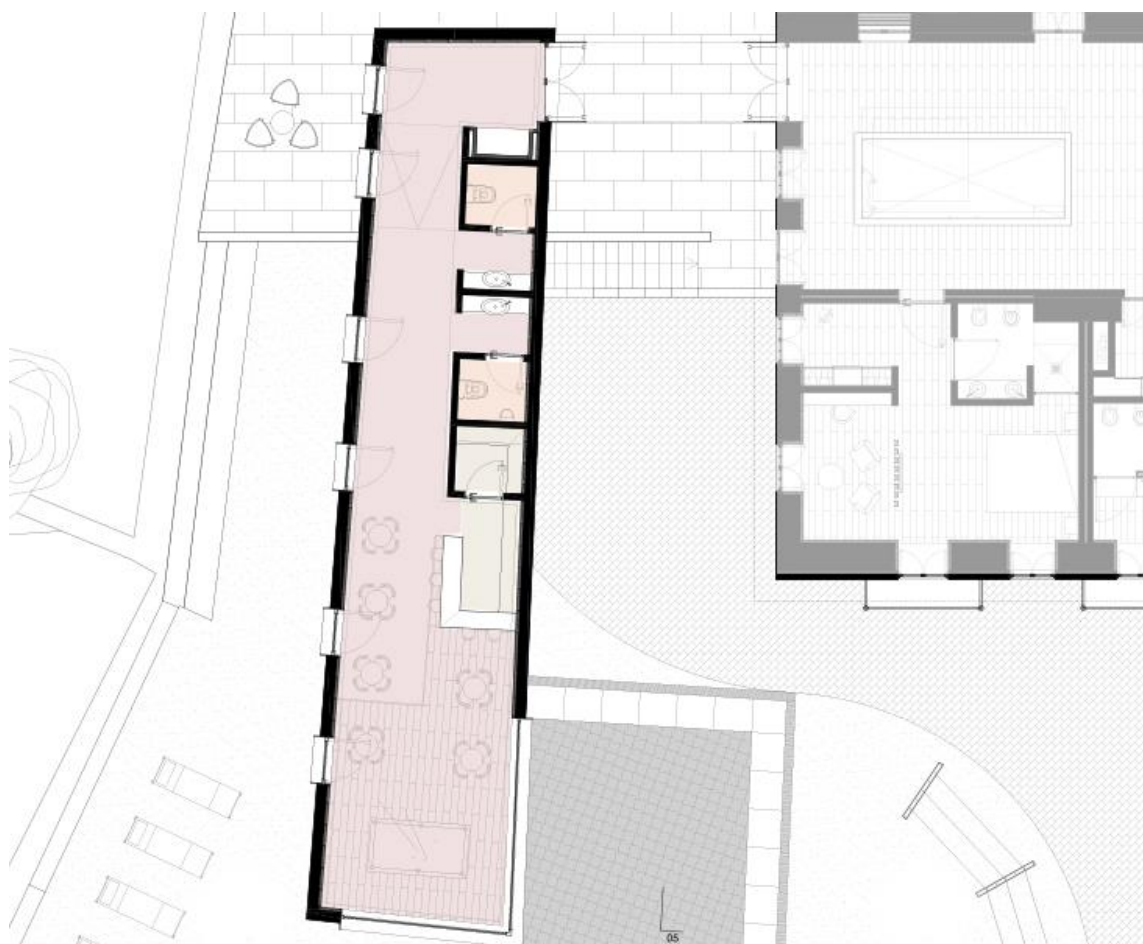


Figura 53 | Planta do café / bar.

Espaço de programa simples, contém em primeiro plano uma zona destinada a instalações sanitárias, reservando o restante espaço para a atividade desejada.

Segue-se uma zona restrita aos funcionários, delimitada com um balcão e respetiva copa de apoio, estando em adjacência o posicionamento das mesas.

Por último, reserva-se uma zona de jogos (bilhar), junto ao envidraçado proporcionador de uma vista sobre a piscina e todo o espaço exterior.

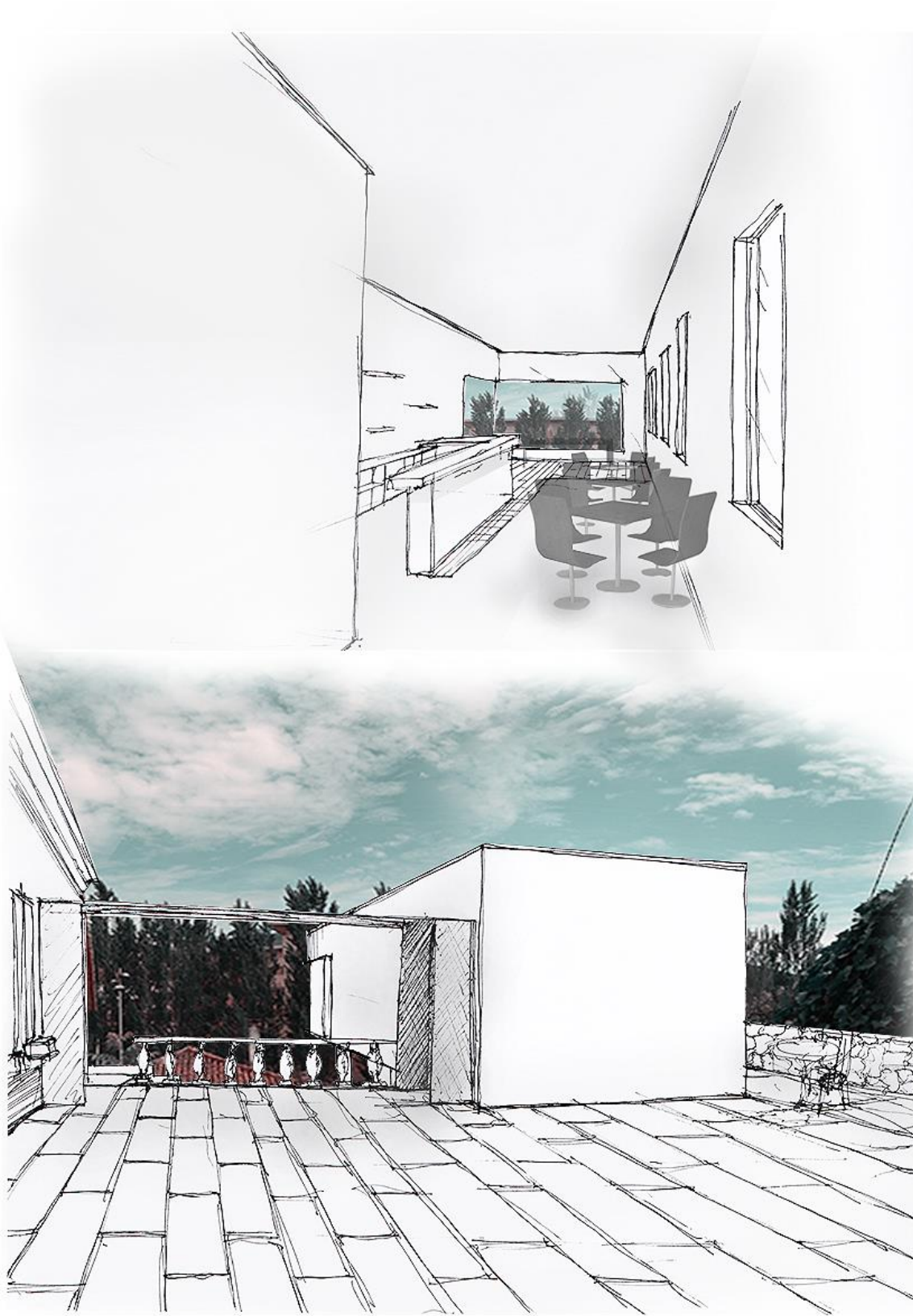


Figura 54 | Esquisso e fotomontagem do interior e exterior do bar.

6.2.2. Aspetos gerais de construção

Estrutura / Paredes:

Volume totalmente feito de raiz, assume uma estrutura totalmente em betão armado, com um reticulado de pilares e vigas, sustentadores de uma laje maciça também em betão.

A construção é apoiada em dois pontos estratégicos formados por paredes pré-existentes. Numa destas paredes propõem-se uma pequena extensão que dá espaço ao balneário de apoio, e que auxilia na sustentação do novo volume.

6.2.3. Aspetos gerais de acabamentos

Fachadas exteriores / cobertura:

Em todas as fachadas, propõem-se o betão à vista com agregados de pigmentos especiais que lhe permitem adotar um acabamento a cor branca como é pretendido.

Ocultas por uma platibanda, a cobertura usa o mesmo material do edifício principal, o acabamento exterior em zinco com junta agrafada.

Acabamentos interiores / Pavimentos / Paredes / tetos:

O pavimento, propõem-se revestido a microcimento com acabamento antiderrapante no corredor de acesso, instalações sanitárias e espaço de serviço, enquanto na zona de estar e jogar, prevê-se o uso de soalho de madeira de castanho envernizado, com o intuito de tornar o espaço mais confortável. A acompanhar o pavimento em microcimento, utiliza-se rodapé em aço inox acetinado, já no soalho de madeira, rodapé também neste material.

As paredes são revestidas com placas de gesso cartonado e devidamente pintadas à cor de branco puro, com a exceção das instalações sanitárias, que são revestidas a microcimento.

O compartimento em geral, é alvo do uso de teto falso com placas de gesso cartonado *standard*, com a exceção das instalações sanitárias, que se prevê o uso de gesso cartonado hidrófugo, ambos revestidos a estuque projetado e pintados a branco puro.

6.3. Área exterior

No espaço exterior, podem ser considerados dois tipos de ambientes, um de caráter mais sereno, enquanto o outro assume um papel mais ativo.

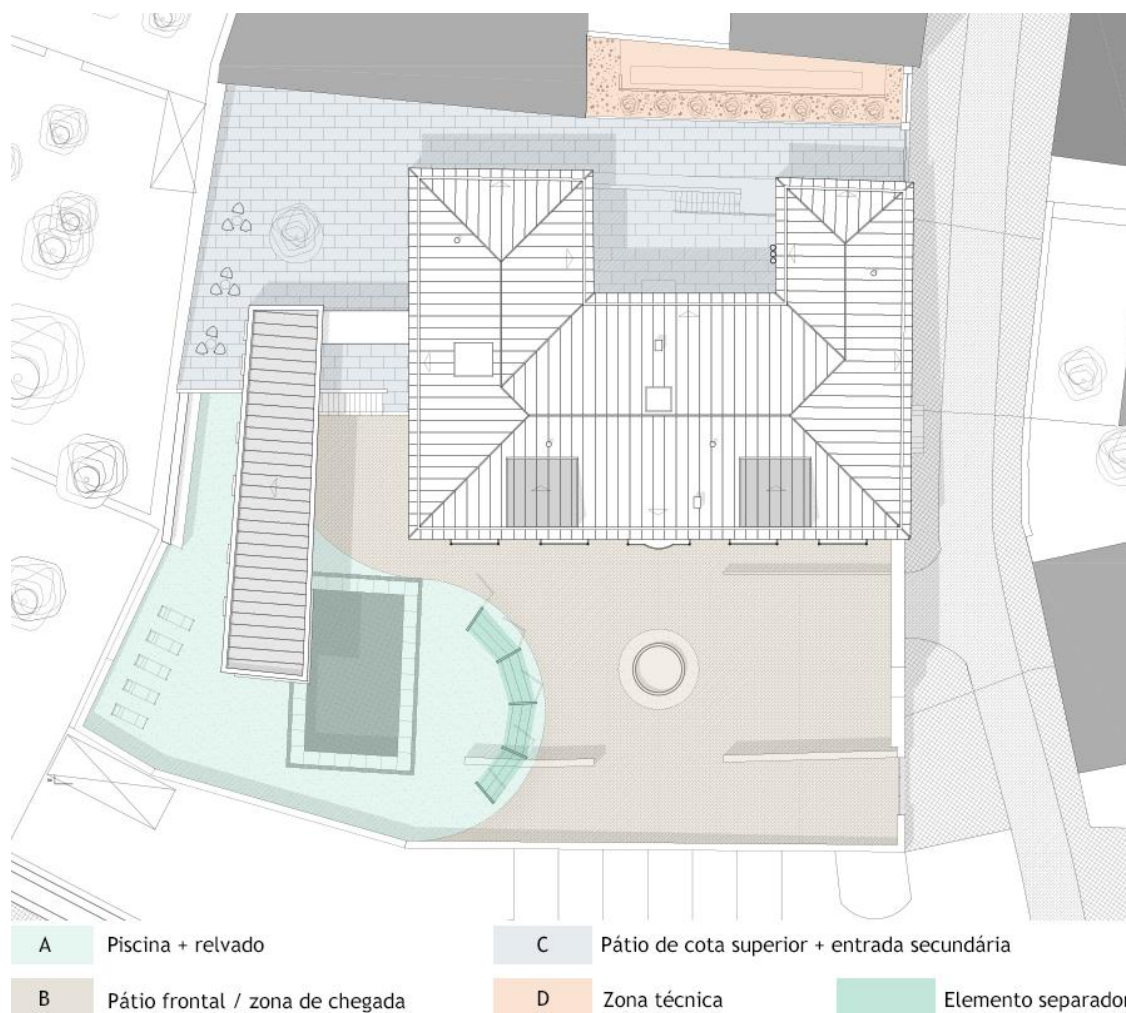


Figura 55 | Implantação da nova proposta.

Relativamente à zona A (Fig.55), assume-se como a área exterior de maior intervenção, visto que foi inserida uma piscina envolvida por um espaço de relvado totalmente acessível. Para esta zona verde, propõem-se o uso de esteios em união com uma pequena vinha de casta alvarinha, com o intuito de dar a conhecer aos visitantes a casta produzida no concelho, e também para funcionar como elemento separador da zona de chegada e entrada principal.

A zona B (Fig.55), completamente pavimentada com calçada tradicional portuguesa, traduz-se numa área de chegada, que contempla a fachada principal.

O muro em alvenaria de granito pré-existente é parcialmente demolido, uma vez que foi necessário secciona-lo, para possibilitar a circulação automóvel.

Como o propósito de ornamento e decoração, propõem-se uma fonte central, alinhada com a entrada principal do edifício.

A zona C (Fig.55) insere-se numa cota superior em relação as anteriores referidas, ficando assim mais resguardada para ambientes de sossego e tranquilidade, usufruidora de um pequeno espaço de esplanada de apoio ao bar.

Contem também uma entrada secundária a nascente, com destino direto para a zona de bar ou spa.

Na zona D (Fig.55), representada como um espaço mais sombrio, insere-se a parte técnica de apoio ao edifício principal, oculta por vegetação vertical e um pequeno gradeamento em aço patinável.



Figura 56 | Esquisso e fotomontagem do espaço exterior.

Capítulo 7 - CONCLUSÃO

O aumento da importância, que tem vindo a ser atribuído à preservação do património construído, é atualmente mais abrangente do que a antiga visão conservadora, que visava apenas a defesa de edificações de carácter público de grande interesse.

A reabilitação de edifícios habitacionais, geralmente presentes nos chamados centro históricos de cidades e vilas, como foi o caso de estudo desta dissertação, ajudou a entender como o homem se organizou e viveu ao longo do tempo.

Em pleno século XXI, a intervenção neste tipo de património arquitetónico visa o bem-estar e aumento da condição cultural da sociedade, fazendo com que as comunidades possam vivenciar no presente as riquezas do passado, quase como se pudessem voltar as origens através do património cultural.

Esta dissertação pretende inicialmente salientar as várias vertentes do turismo em conjunto com o lugar de intervenção, mostrando de algum modo, o conteúdo turístico local para uma maior fundamentação da reabilitação proposta.

O estudo de empreendimentos ativistas no mesmo ramo foi esclarecedor de pontos e normas de extrema importância, que devem estar sempre presentes quando se trabalha numa reabilitação. Um programa apropriado, uma dimensão adequada e a materialidade correta, foram fatores de dúvida, contudo desapareceram após a análise de projetos de igual função.

Descobrir o passado da habitação assim como a linhagem nobre que a ergueu, interferiu significativamente na proposta, ajudando a perceber qual os aspetos que moldam a identidade do edifício, e até mesmo, algumas componentes que transportam o nome de família, como é o caso do brasão.

Considerando o levantamento arquitetónico, uma das primeiras fases de trabalho, revelou-se ser uma fase interessante na interpretação do espaço, assim como o confronto das vivências passadas já conhecidas, com o atual estado de conservação da casa. A inexistência de documentação gráfica deu início ao grande desafio de fazer um levantamento arquitetónico completo, contribuindo assim para uma melhor perceção da estrutura e do método construtivo usado na época.

Nem todos os edifícios têm a possibilidade de ser preservados ou recuperados, no entanto a proposta apresentada incide sobre um edifício merecedor de uma reabilitação, visto ter valor histórico e arquitetónico. Para tal, surge com a junção de todo o conhecimento adquirido ao longo desta dissertação, uma proposta pensada para um dia poder sair do papel.

Referências bibliográficas

APPLETON, J. (2011). Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Tecnologias de Intervenção. Amadora: Edições Orion, 716p.

Archdaily. (2016). Vidago Palace & Spa / Alvaro Siza.

Site: <http://www.archdaily.com/235148/vidago-palace-spa-alvaro-siza>. Consultado em setembro 2016.

ARQUITECTURA IBÉRICA. (2007) Reabilitação_Rehabilitation, Nº 19, Casal de Cambra: Caleidoscópico.

BAEZA, A. (2013). A ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 117p.

BAEZA, A. (2011). Pensar com as mãos. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 149p.

BEINHAEUER, P. (2013). Atlas de Detalhes Construtivos - Reabilitação. São Paulo: Editora Gustavo Gili.

Booking. (2016). Casa do Barreiro - Turismo Habitação. Site: <https://goo.gl/B0cgGt>, consultado em junho 2016.

Casa Lata. (2016). Casa Lata - Agroturismo. Site: www.casalata.com/_empresa, consultado em junho 2016.

COELHO, P. (2011). Gonçalo Byrne, coleção Arquitetos Portugueses, Nº 11. Vila do Conde: QN Edição e conteúdos, 94p.

CUNHA, L.; ABRANTES, A. (2013). Introdução ao Turismo. Lisboa: Lidel, 450p.

ESTEVES, A. (1989). O meu livro das gerações Melgacenses. Edição da Nora do Autor. P.407-437.

GIEBELER, G. (2008). Metodología de planificación para proyectos de rehabilitación, em Revista Detail, Nº 2, Edição Espanhola. P.208 - 214

História de Portugal. (2016). Castelo de Melgaço.

Site: <http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-melgaco/>. Consultado em agosto 2016.

Melgaço Alvarinho Houses. (2016). Apresentação.

Site:<http://melgacoalvarinhohouses.com/apresentacao/melgaco-alvarinho-houses/>. Consultado em setembro 2016.

Melgaço complexo desportivo e de lazer centro de estágios. (2016). A natureza do desporto. Site: <http://www.melgacosportscenter.com/home.html>. Consultado em agosto 2016)

Melgaço município. (2016). Portal Municipal de Melgaço. Site: http://www.cm-melgaco.pt/portal/page/melgaco/porta_municipal/municipio/municipio_freguesias. Consultado em agosto 2016.

Melgaço município. (2016). Percursos Marginais do Rio Minho. Site: http://www.cm-melgaco.pt/portal/page/melgaco/portal_municipal/Turismo/Turismo_trilhos. Consultado em agosto 2016.

Minho Digital. (2016). O Abel Batista está. Site: <http://www.minhodigital.com/news/complexo-desportivo-de-lazer-do-monte-de-prado-ganha-nome-do-ex-autarca-rui-solheiro>. Consultado em agosto 2016.

Ngphoto. (2016). Vidago Palace Hotel Spa. Site: <http://www.ngphoto.com.pt/architecture/alvaro-siza-vidago-palace-hotel-spa/>. Consultado em Setembro 2016.

OpenStreetMap. (2016). Relação: Melgaço (5756321). Site: <http://www.openstreetmap.org/#map=17/42.11800/-8.28243&layers=T>. Consultado em setembro 2016.

QUESADO, T. M. (Outubro 2013). Reestruturação da Quinta do Peso Edifício de Hotelaria do início do século XX. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Universidade da Beira Interior.

RAMALHO, R. S. (Junho 2014). Unidade Hoteleira Casa da Feligueira (Cinfães). Dissertação para obtenção do Grau de Mestre de Arquitectura. Universidade da Beira Interior.

Rota do Vinho Verde Alvarinho. (2016). Solar do alvarinho. Site: http://www.rotadoalvarinho.pt/apex/f?p=101:20:0::NO::ID_MENU_SELECCIONADO,ID_SUBMENU_SELECCIONADO:1,517. Consultado em agosto 2016.

SILVA, I. (1996). Castro Laboreiro, em Dicionário Enciclopédico das Freguesias: Braga, Porto, Viana do Castelo; 1º volume. Minha Terra. P.423 - 439.

Termas de Melgaço. (2016). História - Sobre as Fontes. Site: http://www.termasdemelgaco.pt/_historia. Consultado em agosto 2016

VAZ, J. (1996). P.e Júlio Vaz apresenta Mário, Edição do Autor, Melgaço. P.138-141.

visitPortugal. (2016). Museu de Cinema de Melgaço Jean Loup Passek. Site: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/museu-de-cinema-de-melga%C3%A7o-jean-loup-passek>. Consultado em agosto 2016.

visitPortugal. (2016). Espaço Memória e Fronteira. Site: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/museu-de-cinema-de-melga%C3%A7o-jean-loup-passek>. Consultado em agosto 2016.

Viver Viana. (2016). Melgaço. Site: <http://viverviana.pt/melgaco/>, consultado em junho 2016.

